UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

TATIANE KARINA BARBOSA DE QUEIROZ

DISCURSOS E SENTIDOS NA COBERTURA JORNALÍSTICA: "O CASO GUAIVIRY EM MATO GROSSO DO SUL"

Campo Grande – MS
Agosto - 2014

TATIANE KARINA BARBOSA DE QUEIROZ

DISCURSOS E SENTIDOS NA COBERTURA JORNALÍSTICA: "O CASO GUAIVIRY EM MATO GROSSO DO SUL"

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Luceli Faria Batistote.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
Agosto - 2014

TATIANE KARINA BARBOSA DE QUEIROZ

DISCURSOS E SENTIDOS NA COBERTURA JORNALÍSTICA: "O CASO GUAIVIRY EM MATO GROSSO DO SUL"

APROVADA POR:

_____

MARIA LUCELI FARIA BATISTOTE, DOUTORA (UFMS)

_____

GERSON LUIZ MARTINS, DOUTOR (UFMS)

_____

JORGE KANEHIDE IJUIM, DOUTOR (UFSC)

Campo Grande, MS, 22 de agosto de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Milton (in memorian) e Arlene; e aos meus padrinhos, Orlando e Maria, pelos ensinamentos e pelos investimentos em minha educação.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro, Christian, pelo carinho, pela dedicação e por permanecer ao meu lado, sempre.

Aos familiares e amigos queridos pela presença encorajadora e afetuosa nos momentos difíceis, de aflição e de insegurança.

Ao professor Jorge Kanehide Ijuim que, antes mesmo de meu ingresso no Programa de Mestrado, despertou-me o interesse pelo universo acadêmico e pelo estudo crítico do Jornalismo.

Ao professor Gerson Luiz Martins por conduzir-me ao fascinante universo do ciberjornalismo.

Aos professores Edson Silva, Márcio Licerre e Silvio Pereira, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelos conselhos e contribuições para meu trabalho.

Aos demais professores, Geraldo Martins, Heloísa Bortolotto e Raimunda Maeda, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, pelo aprendizado. À secretária Ana Carla pela gentileza e solicitude.

Aos colegas de profissão pelo apoio e compreensão, especialmente Camila, Fabiano, Fernando, Henrique e Silvia.

À minha orientadora, professora Maria Luceli Faria Batistote, pela imensa generosidade, confiança, e pelos muitos ensinamentos.

Finalmente e especialmente a Deus, por guiar meus passos pelos caminhos que percorri até aqui e pelos que, certamente, ainda percorrerei.

RESUMO

Mato Grosso do Sul concentra uma população de mais de 70 mil índios, a segunda maior do país. A maioria deles, das etnias Guarani e Kaiowá, nos municípios do sul do estado e na área que faz fronteira com o Paraguai; na mesma região, localizam-se grandes propriedades rurais que sustentam a principal atividade econômica do estado: o agronegócio. Essa situação tem gerado conflitos motivados por "disputas pela terra", cuja violência tem sido mostrada pela imprensa regional e nacional. Em novembro de 2011, notícias do ataque ao acampamento indígena Guaiviry, que resultou na morte do cacique Nísio Gomes, permearam manchetes de veículos de comunicação de todo país. O presente trabalho interessa-se pelo estudo desse caso, que ficou conhecido como Guaiviry. Com base nos pressupostos teóricos da semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, buscou-se compreender os efeitos de sentido produzidos pelos relatos que compõem a cobertura jornalística do caso. Foram analisados nove textos, publicados em três ciberjornais, no período de novembro de 2011 a novembro de 2012. Para a apreciação do *corpus* da presente pesquisa, utilizaram-se os conceitos pertencentes à sintaxe e à semântica do nível discursivo do percurso gerativo de sentido, à luz dos estudos da enunciação. Com enfoque no ciberdiscurso, a investigação identificou simulacros, principalmente dos indígenas, construídos discursivamente pelos enunciados, bem como a ideologia adotada pelos cibermeios e os mecanismos persuasivos utilizados pelos enunciadores para convencer os enunciatários. Os resultados do trabalho apontam as figuras responsáveis pelo revestimento de temas vinculados à problemática dos conflitos agrários e revelam discursos contraditórios sobre o Caso Guaiviry.

Palavras-chave: semiótica francesa; índios; ciberjornalismo; imprensa; discurso.

ABSTRACT

Mato Grosso do Sul concentrates a population of over 70 thousand Indians, the second largest in the country. Most of them, in the southern counties of the state and the area bordering with Paraguay; in the same region, located large farms that support the main economic activity of the state: agribusiness. This situation has generated conflicts based on "land disputes", whose violence has been shown by the regional and national press. In November 2011, news of the attack on the Indian camp Guaiviry, which resulted in the death of the chief Nísio Gomes permeated headlines of media outlets across the country. This work is interested in the study of this case, which became known as Guaiviry. Based on the theoretical assumptions of semiotics developed by Algirdas Julien Greimas, we sought to understand the effects of meaning produced by the stories that make the news coverage of the case. Nine stories published in three cyberjournals, from November 2011 to November 2012. For the assessment of the corpus of the present study were analyzed, we used the concepts belonging to the syntax and semantics of discourse level generative process of meaning the light of studies of enunciation. Focusing on cyberdiscourse, research has identified simulacra, mainly indigenous, discursively constructed by the statements, as well as the ideology adopted by cybermedia and persuasive mechanisms used by enunciators to convince enunciated. The results of the study show the figures responsible for coating linked to the problem of agrarian conflicts and themes reveal contradictory discourses If Guaiviry about.

Keywords: French semiotics; Indians; online journalism; press; speech.

íNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Matéria publicada no G1 MS 27

Figura 2: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011 no Campo Grande News 40

Figura 3: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011 no G1 MS 41

Figura 4: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011 no Portal Folha de São Paulo 42

Figura 5: Fotografia do acampamento Guaiviry, de João Garrigó, Campo Grande News 52

Figura 6: Fotografia do acampamento Guaiviry, de João Garrigó, Campo Grande News 55

Figura 7: Fotografia do acampamento Guaiviry, de João Garrigó, Campo Grande News 56

Figura 8: Fotografia do acampamento Guaiviry, de João Garrigó, Campo Grande News 58

Figura 9: Matéria publicada no dia 22 de novembro de 2011 no Portal Folha de São Paulo 61

Figura 10: Matéria publicada no dia 21 de dezembro de 2011 no G1 MS 65

Figura 11: Matéria publicada no dia 18 de janeiro de 2012 no Campo Grande News 68

Figura 12: Matéria publicada no dia 4 de julho de 2012 no portal Folha de São Paulo 72

Figura 13: Matéria publicada no dia 26 de novembro de 2012 no G1 MS 75

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A: MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai, 18 de novembro de 2011, Campo Grande News 85

Anexo B: Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra, 24 de novembro de 2011, Campo Grande News 86

Anexo C: Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai, 18 de janeiro de 2012, Campo Grande News 89

Anexo D: Polícia investiga ataque contra índios em acampamento no sul de MS, 18 de novembro de 2011, G1MS 90

Anexo E: Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal, 21 de dezembro de 2011, G1 MS 91

Anexo F: MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS, 26 de novembro de 2012, G1 MS 92

Anexo G: Líder indígena é assassinado por pistoleiros encapuzados em MS, 18 de novembro de 2011, portal Folha de São Paulo 94

Anexo H: PF diz que índios foram atacados com balas de borracha, 22 de novembro de 2011, portal Folha de São Paulo 95

Anexo I: PF considera homicídio desaparecimento de índio em MS, 4 de julho de 2012, portal Folha de São Paulo 96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO INDÍGENA, O AGRONEGÓCIO E A DISPUTA PELAS TERRAS EM MATO GROSSO DO SUL **15**

1.1 População indígena Guarani e Kaiowá 15

1.2 Avanço do agronegócio no sul do estado: soja, milho, boi e cana-de-açúcar 16

1.3 Disputa pelas terras entre indígenas e produtores rurais: considerações históricas 17

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO, DO CIBERJORNALISMO E DOS CIBERMEIOS CAMPO GRANDE NEWS, G1 MS E FOLHA DE SÃO PAULO **21**

2.1 Ciberjornalismo: denominações e características 22

2.2 Contextualizando os cibermeios: Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo 27

2.3 Apresentação do objeto empírico: *corpus* e critérios de seleção das matérias 29

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA FRANCESA **32**

3.1 Plano de conteúdo e o percurso gerativo de sentido 33

3.2 Plano de expressão, semiótica plástica e o semissimbolismo 37

4 EFEITOS DE SENTIDO NA COBERTURA DO CASO GUAIVIRY: ANÁLISES DAS MATÉRIAS 39

4.1 Aparecimento do caso: análises das primeiras matérias 39

4.1.1 Contratos de “verdade” e mecanismos de persuadir o leitor 43

4.1.2 Percursos temáticos e figurativos 45

4.2 Efeitos de sentido na cobertura fotojornalística do Campo Grande News 47

4.2.1 Características do fotojornalismo 48

4.2.2 Elementos da fotografia 48

4.2.3 Análises: plano de expressão e relações semissimbólicas 51

4.2.4 Legendas com função de ancoragem 59

4.3 Desaparecimento: o discurso da Polícia Federal 60

4.3.1 Primeira análise 61

4.3.2 Segunda análise 64

4.3.3 Terceira análise 68

4.4 Homicídio: o novo discurso da Polícia Federal 71

4.4.1 Primeira análise 71

4.4.2 Segunda análise 73

4.5 Formações ideológicas na cobertura do Caso Guaiviry 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS **80**

REFERÊNCIAS **82**

ANEXOS **85**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de identificar os efeitos de sentido produzidos pelas matérias que compõem a cobertura jornalística do ataque ao acampamento indígena Guaiviry, localizado entre os municípios de Amambai e Aral Moreira, na região de fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul. O crime, que ficou conhecido como "Caso Guaiviry", ocorreu no dia 18 de novembro de 2011 e resultou na morte do cacique Nísio Gomes, de 55 anos. O fato permeou jornais de todo o país e também repercutiu na mídia internacional; no mesmo dia do crime, o portal de notícias na internet do *The New York Times* editou uma nota sobre o assunto, intitulada "*Brazil: Chief Killed in Land Dispute".*[1]

Na época, as primeiras informações sobre o ataque foram divulgadas pelo Conselho Missionário Indígena (Cimi)[2]. A nota publicada no portal do órgão na internet dizia:

> A comunidade foi atacada por pistoleiros fortemente armados. Segundo informações apuradas junto a indígenas que sobreviveram ao ataque, os pistoleiros executaram o cacique Nísio Gomes e levaram seu corpo. Os relatos ainda dão conta de indígenas feridos por balas de borracha e de três jovens baleados: dois estão desaparecidos e outro se encontra hospitalizado[3].

O motivo do crime foi a ocupação de parte de uma fazenda por um numeroso grupo de índios das etnias Guarani e Kaiowá. É preciso destacar que, inicialmente, a Polícia Federal considerou o crime como "desaparecimento"; meses depois, o caso foi tipificado como "homicídio". O corpo do cacique, porém, não foi encontrado. A repercussão da morte de Nísio Gomes gerou diversas pautas que abasteceram a imprensa durante semanas e trouxe, novamente, à tona a discussão sobre os

---

[1] A matéria pode ser acessada por meio do endereço: http://www.nytimes.com/2011/11/19/world/americas/brazil-chief-nisio-gomes-killed-in-land-dispute.html?_r=0. Acessado em 25 de junho de 2014.

[2] Órgão vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que atua junto aos povos indígenas.

[3] Nota pode ser acessada por meio do endereço: http://www.cimi.org.br/site/pt-br/index.php?system=news&action=read&id=5957. Acessado em 25 de junho de 2014.

conflitos agrários e a situação de miséria em que vivem milhares de famílias indígenas no estado.

Dados do último Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE[4]) indicam que Mato Grosso do Sul abriga 73.295 índios. A maioria deles pertence às etnias Guarani e Kaiowá e está concentrada nas regiões do estado denominadas como Grande Dourados, Cone Sul e Sul Fronteira. Também nessas áreas, estão grandes propriedades rurais, que movimentam a principal atividade econômica do estado: o agronegócio. Relatórios divulgados mensalmente pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) apontam que a soja, o milho e a pecuária são responsáveis pela maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) gerado por Mato Grosso do Sul. Essa situação de convivência entre indígenas e produtores rurais tem gerado, ao longo dos anos, conflitos motivados por "disputas pela terra". De um lado, indígenas afirmam que foram expulsos de suas terras tradicionais e defendem a retomada de territórios; de outro, produtores rurais alegam que suas propriedades foram adquiridas dentro dos preceitos de legalidade, com a chancela do próprio Estado. A violência resultante desses conflitos tem sido noticiada pela imprensa regional, nacional e, até mesmo, internacional.

Percebemos que os acontecimentos chegam até o público (telespectadores, ouvintes e internautas) como notícias. A notícia é um produto do Jornalismo que, por sua vez, gera conhecimento e constrói sentido sobre a realidade. Beltrão (1992) define o Jornalismo como:

> (...) a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum (p. 65-66).

O estudo foi motivado pela observação do modo com que a imprensa contou, interpretou e transmitiu a história do Caso Guaiviry e, assim, construiu discursos baseados no acontecimento. Além de identificar os efeitos de sentido produzidos

[4] Principal provedor de dados e informações do País, que atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.

pela cobertura jornalística, esse trabalho tem o objetivo de revelar os mecanismos utilizados na construção desses discursos. Para tanto, analisamos nove matérias da cobertura jornalística do Caso Guaiviry. Considerando o alcance da internet para a difusão e divulgação de conteúdos, elegemos, para compor o *corpus*, apenas textos publicados em ciberjornais, ou seja, em portais de notícias do ciberespaço[5]. Selecionamos os três portais de notícias que mais repercutiram o assunto: Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo.

Para a apreciação das matérias que compõem o objeto empírico da pesquisa, recorremos à teoria semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas. A opção pela semiótica greimasiana deu-se, principalmente, por ser ela uma teoria que procura explicar o sentido, ou os sentidos, do texto. É importante destacar que não buscamos a completude do trabalho ou seu esgotamento, pois todo objeto de estudo é inesgotável, já que é constituído na relação com discursos anteriores e abre caminho para discursos posteriores.

Estruturamos a investigação em quatro partes. No primeiro capítulo, apresentamos dados sobre a população indígena de Mato Grosso do Sul e sobre o agronegócio. Também contextualizamos os principais pontos que motivam os conflitos entre os dois grupos e os fatos históricos que originaram a disputa pela terra no estado.

No segundo capítulo, discorremos sobre os conceitos de ciberjornalismo, que julgamos pertinentes e relevantes para essa pesquisa. No item, também tratamos das características de cada um dos cibermeios selecionados para esse estudo. Por fim, apresentamos o *corpus* da investigação, formado pelas matérias jornalísticas eleitas para as análises.

O terceiro capítulo trata dos pressupostos da semiótica greimasiana, teoria escolhida para as análises dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Neste item, apresentamos os conceitos da teoria, também denominada de semiótica francesa, e de seus desenvolvimentos, como a semiótica plástica.

---

[5] Os conceitos de internet, *Web* e ciberespaço são tratados no segundo capítulo do trabalho.

No quarto capítulo, trabalhamos as análises das matérias que compõem o *corpus* da pesquisa. Selecionamos um dos textos para a apreciação das imagens sobre o Caso Guaiviry publicadas nos portais. Por isso, nesse item, também apresentamos conceitos sobre o fotojornalismo.

A seguir, o trabalho apresenta as considerações finais, nas quais apontamos os resultados das análises e destacamos a importância da pesquisa, seguidas das referências.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO INDÍGENA, O AGRONEGÓCIO E A DISPUTA PELAS TERRAS EM MATO GROSSO DO SUL

Na primeira parte do trabalho, apresentamos considerações sobre a população indígena das etnias Guarani e Kaiowá, localizadas na região sul de Mato Grosso do Sul, e sobre o avanço do agronegócio no estado. Em seguida, discorremos sobre os aspectos históricos que originaram a disputa pelas terras na região, com base nos estudos realizados pelo historiador Antônio Brand.

1.1 População indígena Guarani e Kaiowá

O último Censo Demográfico[6] divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicou que o estado abriga a segunda maior população do país, com 73.295 índios, perdendo apenas para o Amazonas.

De acordo com o último levantamento geográfico realizado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), os índios estão organizados em 74 aldeias e 11 acampamentos, sendo que 66,5% deles pertencem às etnias Guarani e Kaiowá e estão concentrados nas regiões do estado denominadas como Grande Dourados, Cone Sul e Sul Fronteira. O município de Amambai, localizado na região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, possui a maior população de índios do estado, com 7.225 habitantes, seguido da cidade de Dourados, com 6.830 índios.

[6] Levantamento pode ser acessado por meio do endereço: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acessado em 25 de junho de 2014.

No que diz respeito à proporção da população da cidade, Japorã ocupa o primeiro lugar com 49,4% dos habitantes indígenas, seguido de Paranhos, com 35,7%; e Tacuru, com 35,6%. Os três municípios estão localizados na região do Cone Sul.

1.2 Avanço do agronegócio no sul do estado: soja, milho, boi e cana-de-açúcar

Desde a sua criação, em 1977, Mato Grosso do Sul, experimentou um expressivo avanço nas atividades ligadas ao agronegócio, principalmente na produção de soja, milho, cana-de-açúcar; e na criação de bovinos.

Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab[7]) indicam que a área plantada com soja teve expansão de 267% no estado, e a produção teve aumento de 876% nas últimas três décadas. Na safra de 1977/78, a área plantada com os grãos era de 494 mil hectares; na de 2011/12, a área cultivada atingiu 1,8 milhões de hectares. No período, a produção da oleaginosa passou de 472 mil toneladas para 4,6 milhões de toneladas. Já em relação ao milho, na safra de 1978/79, a área destinada para o grão era de 101 mil hectares e a produção de 176 mil toneladas. Na de 2011/12, a área cultivada passou para 1 milhão de hectares, a produção de milho atingiu 4,45 milhões de toneladas e Mato Grosso do Sul posicionou-se como o 6º maior produtor de milho do Brasil.

Em relação à cana-de-açúcar, foi no fim da década de 70 que o Programa Nacional de Álcool (PROÁLCOOL) impulsionou a instalação de diversas empresas sucroalcooleiras em Mato Grosso do Sul, no entanto, o programa fracassou e apenas duas indústrias do setor permaneceram no estado. Na década de 80, houve um novo incentivo do Governo Federal, mas, foi somente na década seguinte que o

[7] Órgão do Governo Federal responsável por estudos dos preços dos alimentos, por levantamentos de custos da produção da agropecuária, de expectativas de plantio e de colheita de grãos, além do volume e localização de estoques públicos e privados de uma gama de produtos. A estimativa da produção sucroalcooleira e outras informações pertinentes são estendidas também à safra de café e de cana-de-açúcar. O levantamento pode ser acessado em http://www.conab.gov.br/. Acessado em 25 de junho de 2014.

setor sucroalcooleiro voltou a ficar aquecido. Segundo dados da Associação dos Produtores de Bioenergia de Mato Grosso do Sul (Biosul[8]), atualmente, o estado conta com 22 unidades que processam 33,7 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. A produção da cultura concentra-se, principalmente, na região sul do estado. A área plantada é de cerca de 600 mil hectares.

A pecuária também avançou nos últimos anos no estado. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1978, o rebanho bovino de Mato Grosso do Sul era de 9.375.241 cabeças; em 2010, o rebanho aumentou para 22.354.077 de cabeças. De acordo com levantamento da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul[9]), em 2011, o agronegócio foi responsável por 83% das exportações do estado.

Até este ponto do trabalho, apresentamos dados a fim de contextualizar os conflitos agrários no estado. Na sequência, abordamos as principais considerações históricas sobre o início da disputa por territórios em Mato Grosso do Sul.

1.3 Disputa pelas terras entre indígenas e produtores rurais: considerações históricas

Os conflitos entre indígenas e produtores rurais na região sul de Mato Grosso do Sul, gerados pela disputa por terras, têm raízes históricas. De acordo com Brand (1997, p. 91), as populações Guarani e Kaiowá passaram por um processo de "confinamento" que resultou na perda dos territórios indígenas para não-indígenas. Esse processo teve início na década de 1880, com a instalação da Cia Matte Laranjeiras[10] no sul estado. O Governo Federal arrendou uma extensão de

[8] Associação formada em dezembro de 2008, resultado da junção de três sindicatos do setor em Mato Grosso do Sul. Tem como foco das ações a gestão profissional e o caráter associativista. O levantamento pode ser acessado em http://www.biosulms.com.br/. Acessado em 25 de junho de 2014.

[9] Entidade sindical de grau superior que integra a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). É uma sociedade com personalidade jurídica própria, de direito privado interno, sem fins lucrativos. Possui sede na cidade de Campo Grande e base territorial no Estado de Mato Grosso do Sul, congrega, atualmente, 69 sindicatos rurais.

[10] A Cia Matte Laranjeiras instala-se no território ocupado pelos Kaiowá e Guarani, em Mato Grosso do Sul, após a Guerra do Paraguai, tendo em vista a exploração dos ervais nativos, abundantes na região.

terra, antes ocupada por famílias indígenas, para a exploração da erva-mate na região. Nas décadas de 1910 e 1920, o Governo Federal criou oito reservas e confinou os diversos núcleos populacionais indígenas, deslocados por conta do empreendimento ervateiro, em aproximadamente 18 mil hectares. Na época, essas reservas foram demarcadas sob a orientação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Com o fim do ciclo ervateiro, na década de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) com o objetivo possibilitar o acesso às terras do estado a famílias de colonos, migrantes de outras regiões do país. Novamente, o Governo Federal concedeu títulos de propriedades, com o intuito de "desenvolver" o sul do estado. Ainda de acordo com Brand (1997), o processo de ocupação dos territórios indígenas por não-indígenas continuou nas décadas seguintes com a implantação de fazendas de plantação de café e criação de gado a partir de 1950, com o início das lavouras de soja a partir de meados de 1970, e com a construção de usinas para a produção de açúcar e álcool na década de 1980.

O Governo Federal assegurou aos indígenas, por meio da Constituição Federal de 1988, o direito de reaver seus territórios tradicionais. O documento estabeleceu um prazo de cinco anos para a regularização fundiária, no entanto, as "batalhas judiciais" duram até hoje. De um lado, indígenas lutam pela retomada das áreas; por outro, fazendeiros defendem a posse legítima das propriedades. Violência, morte e crimes são os resultados desses conflitos gerados por essas disputas por terras em Mato Grosso do Sul.

Um dos casos de violência que tiveram grande repercussão nacional e internacional foi o assassinato do indígena Marçal de Sousa[11], também conhecido como "Tupã-i", cujo significado na língua dos Guarani e Kaiowá é "Pequeno Deus". O líder dedicou grande parte de sua vida para a luta em prol de seu povo. Na primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1980, na cidade de Manaus, Marçal falou sobre a invasão das terras indígenas no país ao Pontífice da Igreja Católica. Por denunciar a exploração, a violência e as péssimas condições de vida dos indígenas dentro das aldeias do estado, ele foi perseguido por fazendeiros. Em

[11] Informações do Centro de Defesa da Cidadania e dos Direitos Humanos de Mato Grosso do Sul (CDDH-MS). O conteúdo pode ser visualizado por meio do endereço http://www.cddhms.org.br/site/?chn=1175229876&txt=1306368225. Acessado em 25 de junho de 2014.

25 de novembro de 1983, foi assassinado com cinco tiros na aldeia Pirakuá, no município de Antônio João. A posse da área onde estava instalada a comunidade indígena era contestada pelo fazendeiro Líbero Monteiro, que considerava a região como parte de sua propriedade. Após 10 anos da morte do líder, o ruralista, acusado pelo assassinato, foi absolvido pela Justiça.

Outro caso expressivo foi o assassinato do cacique Marcos Verón, em 2003, que repercutiu em jornais regionais e nacionais. O crime ocorreu durante um ataque ao acampamento indígena em que ele estava, na fazenda Brasília do Sul, na cidade de Juti, localizada a aproximadamente 300 quilômetros de Campo Grande, capital do estado. Na madrugada do dia 13 de janeiro, o cacique foi agredido e morreu, como relata Moroni (2011, p. 3):

> Os kaiowá foram atacados por um grupo de trinta a quarenta homens, contratados para expulsá-los da fazenda. No dia 12, um veículo que transportava duas mulheres, um adolescente e três crianças – todos indígenas – foi perseguido sob tiros. Durante a madrugada do dia seguinte, o acampamento foi atacado. Sete indígenas foram seqüestrados e torturados. Atearam fogo em um dos filhos do cacique Marcos Verón, que sobreviveu. A filha de Verón, grávida de sete meses na ocasião, foi arrastada pelos cabelos e espancada. O cacique foi agredido com socos, pontapés e coronhadas. Morreu em decorrência de traumatismo craniano, aos 73 anos.

De acordo com Moroni (2001, p. 3), o crime foi investigado e o julgamento do caso foi desaforado do Poder Judiciário de Mato Grosso do Sul para São Paulo, a pedido do Ministério Público Federal (MPF), por dúvida quanto à isenção dos jurados locais. Em 2011, o caso foi julgado e os três seguranças da fazenda Brasília do Sul, acusados pelo crime, foram condenados pela morte do cacique e pela tortura de outros sete indígenas, entre eles, os filhos de Verón.

Em 2012, um grupo de índios das etnias Guarani e Kaiowá, pertencente à comunidade Pyelito Kuê, divulgou uma carta com o anúncio de “morte coletiva”, após uma decisão da Justiça Federal que determinou a saída deles da fazenda Cambará, na cidade de Iguatemi. O documento escrito pelos índios foi publicado na página do Cimi na internet no dia 17 de outubro. Rapidamente, o caso ganhou as manchetes dos principais jornais de Mato Grosso do Sul e do país. Recentemente,

em maio de 2013, o índio da etnia Terena Oziel Gabriel, de 35 anos, morreu após ser baleado durante o cumprimento de uma reintegração de posse na fazenda Buriti, em Sidrolândia, a aproximadamente 70 quilômetros de Campo Grande. A ordem judicial foi cumprida por centenas de policiais federais e militares. No dia do episódio, jornais de todo o país retrataram uma verdadeira “guerra”. A propriedade foi tomada por viaturas. Policiais da Tropa de Choque tentavam intimidar os indígenas com tiros e bombas de efeito moral, enquanto eles corriam para a estrada, ou para dentro da mata e revidavam com pedras e pedaços de pau. Dias após o embate, um grupo de indígenas voltou a ocupar a fazenda. Até o fechamento da presente pesquisa, a área não tinha sido reconhecida como indígena e a situação de tensão entre as comunidades da etnia Terena e o proprietário da fazenda Buriti, Ricardo Bacha, ainda não tinha sido resolvido pelo Governo Federal.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO, DO CIBERJORNALISMO E DOS CIBERMEIOS CAMPO GRANDE NEWS, G1 MS E FOLHA DE SÃO PAULO

Nossa empreitada, neste capítulo, é contextualizar o objeto empírico do trabalho: a cobertura jornalística do Caso Guaiviry. Primeiramente, apresentamos algumas considerações acerca do fazer jornalístico na internet e dos ciberjornais Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo.

Como já dito, é por meio da imprensa que os fatos se tornam conhecidos pelo público em geral, leitores, telespectadores, ouvintes e internautas. Nas últimas décadas, as facilidades da internet "popularizaram" o acesso às notícias. Martins (2012, p. 179) destaca que "o acesso cada vez mais amplo e difuso à internet proporcionou também um crescimento acentuado na audiência dos ciberjornais, devido a inúmeros fatores, entre eles o custo barato e o acesso facilitado".

É importante dizer que as matérias jornalísticas veiculadas na mídia televisiva, radiofônica ou na mídia impressa são produzidas e consumidas de maneiras distintas das veiculadas na Web[12]. Com a evolução da tecnologia e o advento da internet, o jornalismo precisou adaptar-se. Os novos meios de comunicação buscaram, experimentaram e desenvolveram outras linguagens, outros modos de produção e, também, de distribuição de notícias para um novo público, como explica o teórico espanhol Rámon Salaverría:

> O impacto da tecnologia digital desencadeou um processo de mudanças em todos os campos do jornalismo diário, e foi preciso conduzir tudo de forma coordenada. As tecnologias de produção, os conteúdos, as disciplinas profissionais dos jornalistas, a estrutura de comando no setor editorial das empresas e, o próprio público, viram-

[12] Os termos web (World Wide Web) e internet não são a mesma coisa. Ward (2007, p. 10) diferencia conceituando internet como a infra-estrutura necessária para que os terminais se comuniquem ao redor do globo. Já a web representa "a interface que permite às pessoas trocar dados, textos, fotos, gráficos, sons e vídeos por meio da internet". Além da web, existem outras aplicações da internet, como o correio eletrônico ou e-mail.

> se reconfigurados pela revolução tecnológica[13] (SALAVERRÍA, 2007, p. 9. Livre tradução).

Com base nessas reflexões, traçamos, a seguir, algumas considerações sobre o fazer jornalístico na internet.

2.1 Ciberjornalismo: denominações e características

O "jornalismo produzido na e para a internet" (MARTINS, 2012, p. 181) configurou-se como uma nova modalidade nas últimas duas décadas. As primeiras práticas ocorreram no começo dos anos 90, quando jornais impressos dos Estados Unidos passaram a disponibilizar suas páginas para os leitores na Web. Com o tempo, percebeu-se que o ciberjornalismo não se tratava apenas de um novo formato, mas sim, de um produto discursivo distinto em um novo suporte (SCHWINGEL, 2012, p. 31).

Distintos pesquisadores buscaram denominações para essa nova modalidade de jornalismo como: jornalismo eletrônico, digital, on-line, na internet, no ciberespaço, interativo, entre outros. Em sua obra, Schwingel (2012, p. 31-32) especifica as terminologias adotadas por diversos pesquisadores para a nova modalidade de jornalismo:

> Em 2001, Díaz Noci defendia a denominação de "jornalismo eletrônico multimídia interativo", buscando uma compreensão da prática. O autor apresentou uma série de termos, como jornalismo eletrônico, digital, online, na internet, do ciberespaço e telemático, e dizia que a variação do adjetivo para "jornalismo" seria escolhida de acordo com a conveniência e utilização. Hoje, adota Ciberjornalismo, conjuntamente com a maioria dos autores espanhóis (SALAVERRÍA, 2005). A sistematização de Salaverría (2005) aponta justamente para esta possibilidade de escolha que pesquisadores de diferentes línguas exercem ao designar a mesma modalidade. Autores de

[13] Livre tradução de: El impacto de la tecnología digital ha desencadenado un proceso de profunda mudanza en todos los ámbitos de los diarios, que es preciso dirigir de manera coordinada. Las tecnologías de producción, los contenidos, las disciplinas profesionales de los periodistas, la estructura de mando en las empresas editoras y las propias audiencias están viéndose reconfigurados por esa revolución tecnológica.

> língua inglesa, como Hall (2001), De Wolk (2001), Ward (2002), utilizam o termo jornalismo online. E são seguidos por pesquisadores de língua hispânica, portuguesa, italiana e alemã (como Cabrera, Veloso, Palomo Torres, Squirra, Sousa e Aroso, Contaldo e Di Fabio, Fabbiani, Papuzzi, Hoffacker e Lackerbauer). Já o termo jornalismo em rede é utilizado em espanhol por Estevez e em italiano por Carelli. Jornalismo na internet é aplicado em espanhol por Díaz Noci e Meso e em português por Pinho (2003). Jornalismo Eletrônico é usado na Espanha por Armañanzas, Armentia e Lopez Garcia (1996) e em Portugal por Bastos (2000). Jornalismo multimídia é aplicado pelos espanhóis Alvarez Marcos e Pescador; pelo francês Laubier; e pelo italiano Pratellesi. Jornalismo Digital é o termo mais difundido mundialmente, e está sendo utilizado em espanhol por Armentia, Canga Larequi, Garcia Gallo; em português por Fidaldo e Serra (2003), Ferrari (2003), Machado e Palacios (2002). Ciberjornalismo seria nos últimos anos a terminologia mais adotada pelos pesquisadores espanhóis, de acordo com esta sistematização (SALAVERRÍA, 2005), e é usado por Gómez e Leal, Flores Vivar e Arruti, Zalcberg, Islas e Gutiérrez, Díaz Noci e Salaverría, Parra Valcarce e Alvarez Marcos, Granado, Ferrari, Agostini, Martin-Lagardette, Scanlan, Dube e De Wolk.

Respeitamos as distintas opções de terminologias atribuídas ao jornalismo produzido na e para a internet, no entanto, para este estudo, optamos pelo termo ciberjornalismo, adotado pela maioria dos teóricos europeus.

Schwingel (2012, p. 37) define ciberjornalismo como uma modalidade jornalística no ciberespaço que possibilita a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas. Historicamente, pode-se dividir a evolução do jornalismo digital em quatro gerações (2012, p. 45-47):

- 1ª geração: A partir de 1992, com o surgimento de informações noticiosas em páginas da web, por meio de transposições do conteúdo, de forma integral, dos jornais impressos para a web.

- 2ª geração: A partir de 1995, com o aparecimento de produtos jornalísticos com características específicas da web, como personalização e interatividade. Nessa fase, a produção de conteúdo passa a ter funções distintas, mas ainda é vinculada ao modelo “metafórico” dos jornais impressos.

- 3ª geração: A partir de 1999, quando os sistemas de gestão de conteúdo começam a ser utilizados na elaboração de produtos jornalísticos com diferenciais para o ciberespaço. Nessa fase, o radiojornalismo e o telejornalismo passam a ser integrados nos produtos para a web, ou seja, há uma valorização do audiovisual e da interatividade.

- 4ª geração: A partir de 2002, com a utilização de bancos de dados integrados aos produtos jornalísticos, com o uso de sistemas de produção de conteúdos (apuração, inserção, edição e veiculação de informações) e, também, com a incorporação dos usuários no processo.

O ciberjornalismo caracteriza-se por incorporar os elementos que o meio propicia. Dessa forma, destacamos a multimidialidade, interatividade, hipertextualidade, atualização contínua e a flexibilização dos limites de tempo e espaço entre as principais características dessa modalidade de fazer jornalístico. De acordo com Schwingel (2012, p. 51-61), a multimidialidade consiste na utilização de diversas mídias, como textos verbais, textos visuais, vídeos e áudios na construção da narrativa jornalística. A interatividade caracteriza-se com a integração do usuário no processo de produção jornalístico. Sobre a interatividade, o teórico russo Lev Manovich afirma que toda comunicação intermediada por um computador é interativa. Dessa forma, ela pode ser considerada a característica mais básica dos novos tipos de mídias.

> As novas mídias são interativas. A diferença das velhas mídias, em que a ordem de apresentação está determinada, é que agora o usuário pode interagir com um objeto midiático. Nesse processo de interação, o usuário pode escolher quais elementos ele quer ver ou quais caminhos ele quer seguir, gerando, assim, uma obra única. Neste sentido, o usuário se torna co-autor da obra[14] (MANOVICH, 2005, p. 24. Livre tradução).

A hipertextualidade consiste nas conexões, nos *links*, nas vinculações entre os conteúdos da narrativa jornalística. Pode ser determinada como “a teia que se

[14] Livre tradução de: Los nuevos medios son interactivos. A diferencia de los viejos medios, donde el orden de presentación está fijado, ahora el usuario puede interactuar con un objeto mediático. En ese proceso de interacción, puede elegir qué elementos se muestran o qué rutas seguir, generando así una obra única. En este sentido, el usuario se vuelve coautor de la obra (MANOVICH, 2005, p. 24).

constrói, e é percorrida ao deslocar-se por informações". Para Maingueneau (2013, p. 94), a hipertextualidade é "uma enorme rede de relações virtuais que permite um número ilimitado de percursos distintos, podendo o leitor navegar quase sem barreiras em um mar de enunciados". Lévy (2006, p.33) define hipertexto como o "conjunto de nós ligados por conexões". Eles possibilitam que o internauta acesse outros *links*, outros conteúdos de dentro da própria reportagem, que podem estar relacionados ou não ao assunto principal em que o leitor está imerso no momento.

A atualização contínua é a possibilidade de disponibilizar informações ou de reeditar e acrescentar conteúdos, a todo e qualquer momento, para os usuários na Web. Lima Junior (2009, p. 205) afirma que o computador, a internet e, principalmente, as tecnologias móveis, como *smartphones* e *tablets*, impulsionaram novas técnicas jornalísticas, em função das expectativas dos novos usuários, novos consumidores de informações. Esse "novo estágio pode ser percebido pelas demandas por um conteúdo atualizado em tempo real".

No ciberjornalismo não há limites de espaço e tempo, como na mídia impressa ou televisiva, para a composição das narrativas jornalísticas. No ciberespaço não há número máximo ou mínimo de caracteres, por exemplo, ou de minutos para a disponibilização de uma informação. De acordo com Teixeira, Fulaneti, Mancini e Souza, um texto é normalmente mensurável, mas, no ciberespaço, o conteúdo tem proporções imensuráveis:

> Um conto de 42 páginas, uma tela de 40X60cm, uma peça musical de 32 minutos. A questão central é que, na rede, o texto se constitui enquanto percurso de leitura, ele é um processo, uma operação particular, sempre inacabada. A cada clique do mouse, um novo link se abre e uma nova disposição de leitura se apresenta, levando a outra e mais outra e outra ainda, num continuum de possibilidades próprio da fluidez e da metamorfose do objeto. (2012, p. 211)

No trecho citado, Teixeira, Fulaneti, Mancini e Souza deixam claro a relação da flexibilização dos limites de espaço e tempo na construção da narrativa ciberjornalística com a hipertextualidade e a interatividade, já discutidas.

As características apontadas neste capítulo constituem, dessa forma, os princípios básicos do ciberjornalismo. Apresentamos, na sequência, parte de uma das matérias da cobertura do Caso Guaiviry, que pertence ao *corpus* investigado, em que apontamos alguns dos elementos citados. O texto foi publicado no ciberjornal G1 MS, no dia 26 de novembro de 2012, ou seja, pouco mais de um ano após o ataque, que ocorreu no dia 18 de novembro de 2011. As indicações de data e de horário no texto do G1 MS refletem a flexibilização de tempo no ciberjornalismo. Como não há o chamado "fechamento", como ocorre na produção de notícias para o jornal impresso ou televisivo, no ciberespaço a matéria pode ser publicada a qualquer momento. Nota-se que, no texto, há duas indicações de horários, de disponibilização do conteúdo e de atualização do mesmo, o que também espelham a instantaneidade do fazer jornalístico na internet. Também temos na matéria apresentada, os hiperlinks, que conduzem os internautas a novos percursos de leitura. No caso do "Saiba Mais", os hipertextos levam a conteúdos relacionados ao tema principal, ou seja, ao ataque ao acampamento indígena e ao assassinato do cacique Nísio Gomes. Os hipertextos do *Twitter* e de outras redes sociais, conduzem o consumidor a conteúdos de outros temas. Os itens citados, somados à opção "comente agora", disponibilizada ao usuário, refletem a interatividade, característica básica dos cibermeios. Os textos verbais e visuais, ou seja, as fotografias indicam as possibilidades do uso de diferentes mídias.

Indicação de data e horário de publicação e de atualização

Interatividade/ Hiperlinks

Fotografia

Hiperlinks

26/11/2012 16h26 - Atualizado em 26/11/2012 17h03

MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS

Cacique Nísio Gomes foi morto durante tentativa de expulsão de índios. Réus respondem por homicídio e ocultação de cadáver, entre outros crimes.

Do G1 MS Comente agora Tweetar 19 Recomendar 19

Em imagem de novembro de 2011, índios mostram o onde cacique foi atingido (Foto: Tatiane Queiroz)

O Ministério Público Federal em Mato Grosso do Sul (MPF-MS) denunciou 19 pessoas pela morte do cacique guarani-kaiowá Nísio Gomes, de 55 anos. A denúncia foi feita em agosto e divulgada pelo órgão nesta segunda-feira (26). Até o mês de novembro, o processo correu em segredo de justiça.

Segundo o MPF-MS, os réus respondem por homicídio qualificado e por outros crimes relacionados à tentativa de expulsão dos indígenas do acampamento Guaiviry, localizado em Aral Moreira, distante 402 km de Campo Grande, região sul do estado.

Entre os réus estão fazendeiros, advogados e um secretário municipal, além de um proprietário e funcionários de uma empresa de segurança privada. Segundo o MPF-MS, sete deles continuam presos.

Dos 19 acusados, três respondem por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo e corrupção de testemunha; quatro por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo; e 12, por homicídio qualificado, lesão corporal, formação de quadrilha ou bando armado e porte ilegal de arma de fogo.

saiba mais

Polícia Federal em MS procura corpo de cacique morto em conflito

Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal

Após ataque, líder de acampamento indígena está desaparecido, diz Funai

A morte do cacique Nísio Gomes ocorreu durante um ataque ao acampamento Guaiviry, no dia 18 de novembro de 2011. Além dele, o indígena Jhonaton Velasques Gomes foi ferido. Os acusados utilizaram ao menos seis armas de fogo calibre 12 na ação.

A denúncia do MPF, descreve que o crime repercutiu internacionalmente e colocou em foco o "ambiente onde imperam o preconceito, a discriminação, a violência e o constante desrespeito aos direitos fundamentais" dos cerca de 44 mil índios guarani-kaiowá e guarani-ñandeva que vivem em Mato Grosso do Sul.

Figura 1 – Matéria publicada no G1 MS

Percebemos, ao longo do estudo, que as matérias do Caso Guaiviry, publicadas nos ciberjornais e selecionadas para a composição deste *corpus*, apresentarão alguns dos elementos mostrados no capítulo.

2.2 Contextualizando os cibermeios: Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo

Considerando o alcance da internet para a difusão e divulgação de conteúdos, foram escolhidos, para compor o *corpus* do presente trabalho apenas

textos publicados em ciberjornais de repercussão nacional e estadual. Na sequência, apresentamos algumas considerações acerca dos cibermeios selecionados para esta pesquisa.

O Campo Grande News foi o primeiro ciberjornal da capital sul-mato-grossense. Ele não foi criado a partir da versão de uma publicação impressa, mas foi concebido para veicular conteúdos voltados para os internautas. O portal foi ao ar em março de 1999 e foi viabilizado por meio da parceria entre o empresário Miro Ceolim e o jornalista Lucimar Couto. O cibermeio tem a produção voltada para o público de Mato Grosso do Sul. Em março de 2008, o portal criou o "Repórter News", um canal de interatividade e colaboração com os leitores. Os conteúdos são divididos nas seguintes editorias: capital, empregos, esporte, meio ambiente, rural, trânsito, economia, especiais, interior, política, tecnologia e cidades.

O G1 MS pertence à Rede Mato-Grossense de Televisão, que detém duas concessões de TV afiliadas à Rede Globo (TV Morena, em Mato Grosso do Sul, e TV Centro América, em Mato Grosso). O cibermeio nasceu em maio de 2011, a partir da fusão do RMT Online com o G1. A mudança foi realizada por meio de um projeto de regionalização do conteúdo do portal nacional. O conteúdo oferecido pelo G1 MS inclui as reportagens exibidas nos três telejornais exibidos diariamente, de segunda-feira à sábado, na TV Morena (Bom Dia MS, MS Notícias 1ª edição e MS Notícias 2ª edição), dos programas MS Rural, Atualidades e Meu Mato Grosso do Sul, exibidos nos fins de semana, além de reportagens, séries e do noticiário produzidos pelos repórteres do ciberjornal.

O portal Folha de São Paulo, segundo informações divulgadas na página da empresa na internet, foi o primeiro "jornal em tempo real" do país, com conteúdos em língua portuguesa. Foi criado em 1995, com o nome inicial de Folha Online. Os conteúdos produzidos veiculados pelo cibermeio são voltados para leitores de São Paulo e de outros estados, uma vez que a empresa tem correspondentes em diversas unidades da Federação. O portal pertence ao Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de mídia do país, que detém o controle do jornal impresso Folha de S. Paulo, da UOL, empresa brasileira de conteúdos e serviços de internet, do instituto de pesquisa Datafolha, da editora de livros Publifolha e da agência de notícias Folhapress.

2.3 Apresentação do objeto empírico: *corpus* e critérios de seleção das matérias

As matérias sobre o ataque ao acampamento indígena Guaiviry, em Mato Grosso do Sul, começaram a ser veiculadas no dia 18 de novembro de 2011, data em que ocorreu o fato. Como objeto empírico, foi delimitado um conjunto de nove matérias sobre o caso, três de cada ciberjornal, publicadas no período de novembro de 2011 a novembro de 2012.

A imprensa foi informada sobre o ataque por meio de uma nota publicada na página na internet do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e enviada para os meios de comunicação. Dessa forma, as primeiras notícias sobre o caso foram veiculadas, basicamente com informações do Cimi, confirmadas posteriormente pela Polícia Federal, ou seja, fontes oficiais. Somente alguns dias após o crime, equipes de reportagem de jornais impressos, emissoras de televisão e rádio e ciberjornais tiveram acesso ao acampamento e, com a presença de lideranças indígenas, puderam conhecer o cenário onde ocorreu o fato e entrevistar os "personagens" que, de fato, presenciaram o ataque. Destacamos que a cobertura do Caso Guaiviry foi permeada por acontecimentos que despertaram o interesse da imprensa, ao mesmo tempo, foi marcada por depoimentos controversos, conflitos entre fontes e acontecimentos inéditos que envolveram, inclusive, autoridades do Governo Federal como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)[15] e o Ministério da Justiça. Por isso, a seleção dos textos não se deu de forma aleatória; eles compõem, na totalidade, os principais acontecimentos do caso. No entanto, consideramos que a análise não objetiva a exaustividade, mas a profundidade do caso, ou seja, no presente trabalho pretendemos examinar os discursos para descobrir os efeitos de sentido produzidos, além de revelar as estratégias utilizadas pelos enunciadores para a persuasão dos enunciatários.

[15] Órgão governamental de esfera federal encarregado de gerenciar questões indígenas de diversas ordens.

São os textos:

- “MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai”, publicado em 18 de novembro de 2011, no Campo Grande News (Ver Anexo A);
- “Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra”, publicado em 24 de novembro de 2011, no Campo Grande News (Ver Anexo B);
- “Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai”, publicado em 18 de janeiro de 2012, no Campo Grande News (Ver Anexo C);
- “Polícia investiga ataque contra índios em acampamento no sul de MS”, publicado em 18 de novembro de 2011, no G1 MS (Ver Anexo D);
- “Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal”, publicado em 21 de dezembro de 2011, no G1 MS (Ver Anexo E);
- “MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS”, publicado em 26 de novembro de 2012, no G1 MS (Ver Anexo F);
- “Líder indígena é assassinado por pistoleiros encapuzados em MS”, publicado em 18 de novembro de 2011, no portal Folha de São Paulo (Ver Anexo G);
- “PF diz que índios foram atacados com balas de borracha”, publicado em 22 de novembro de 2011, no portal Folha de São Paulo (Ver Anexo H);
- “PF considera homicídio desaparecimento de índio em MS”, reportagem publicado em 4 de julho de 2012, no portal Folha de São Paulo (Ver Anexo I);

Em uma primeira análise, levando em consideração apenas os títulos e as datas de publicação das notícias, percebemos que três delas (Anexos A, D e G), foram publicadas na data em que ocorreu a invasão ao acampamento, ou seja, no dia do crime. Por serem as primeiras matérias, permitem uma análise dos efeitos de sentidos “preliminares” construídos pelos discursos dos enunciatários.

O texto intitulado “Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra” (Anexo B) pode ser classificado como uma “reportagem especial”. Ele é mais extenso, contém relatos de personagens e fotografias (sistemas semióticos visuais) que possibilitam uma análise mais aprofundada dos valores apresentados aos enunciatários em relação ao caso.

As matérias dos anexos C, E e H aparecem como uma espécie de “divisor de águas” na cobertura sobre o caso. Ao informarem que o cacique Nísio Gomes pode “estar vivo”, os enunciados constroem a primeira versão dos fatos e fortalecem a ideia de desaparecimento, a medida que enfraquecem a hipótese de homicídio construída, anteriormente, pelos meios de comunicação.

Os textos dos anexos F e I marcam uma “reviravolta” na cobertura jornalística, em que os discursos dos ciberjornais rompem com a versão apresentada anteriormente e, assim, fortalecem a ideia de morte do cacique Nísio Gomes.

Nosso maior interesse no presente estudo é apontar os efeitos de sentido gerados por cada notícia e, principalmente, revelar as estratégias utilizadas pelos enunciadores/autores, ou seja, pelos ciberjornais Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo, para persuadir, envolver e convencer os enunciatários/leitores.

No próximo capítulo, tratamos sobre os pressupostos teóricos utilizados para a análise do *corpus* e para o alcance dos objetivos do estudo.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO DA SEMIÓTICA FRANCESA

Embora existam, pelo menos, três teorias semióticas, como a norte-americana, desenvolvida por Charles Sanders Peirce; a russa, desenvolvida a partir de um grupo de pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou; e a francesa, proposta pelo lituano Algirdas Julien Greimas, nesta pesquisa, optamos pela última, também conhecida como semiótica greimasiana.

Para a escolha, consideramos o caráter que ela assume de teoria do texto, já que, segundo Barros, “procura descrever e explicar o que o texto diz e o como ele faz para dizer o que diz” (2000, p.6).

Fiorin explica que “à semiótica não interessa propriamente o significado, que pode ser obtido por uma paráfrase, mas a arquitetura textual que produz o sentido” (2008, p.122), ou seja, “o objeto da semiótica não é o sentido, mas sua organização; não é o conteúdo, mas sua forma” (2008, p. 123).

O objeto de estudo da semiótica, o texto, pode ser definido como uma relação entre um plano conteúdo e um plano de expressão. Segundo Pietroforte (2012, p. 11), o plano de conteúdo “refere-se ao significado do texto”, o plano de expressão “refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético”.

Para a semiótica, os textos sincréticos são os que “acionam várias linguagens de manifestação” (GREIMAS e COURTÉS, 2012, p. 467). As matérias que pertencem ao *corpus* desta pesquisa são exemplos de sistemas de significação sincréticos, uma vez que são formados por linguagens verbais e visuais (fotografias).

No tópico seguinte, abordamos os conceitos pertencentes à semiótica greimasiana.

3.1 Plano de conteúdo e o percurso gerativo de sentido

Pode-se considerar que os sentidos de um texto estão em seu plano de conteúdo. Para a semiótica, um texto possui diversas camadas; por isso, os sentidos podem ser analisados sob a forma de um "percurso gerativo", que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. "O percurso gerativo é um simulacro metodológico das abstrações, das generalizações, que o leitor faz ao ler (FIORIN, 2008, p. 126).

Batistote (2012, p. 38) destaca que essa teoria apresenta modelos para a análise da significação que vão além da palavra, além da frase, e atuam na dimensão do discurso.

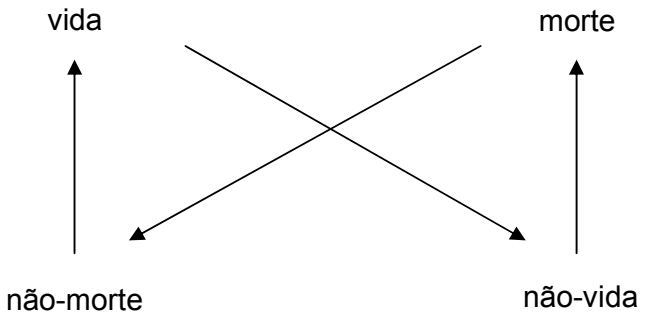
> Seu procedimento clássico propõe articular a apreensão do sentido segundo um percurso estratificado em camadas relativamente homogêneas, indo das formas concretas e particulares, manifestadas na superfície do texto, às formas mais abstratas e gerais subjacentes, dispostas em múltiplos níveis de profundidade. Ela mostra, assim, como os percursos de significação se organizam e se combinam, em razão de regras sintáxicas e semânticas que fundamentam, em segredo, a sua coerência

A primeira etapa do percurso gerativo de sentido é denominada nível fundamental; a segunda, nível narrativo; e a terceira, nível discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias. A seguir, apresentamos um breve panorama sobre cada um dos níveis.

O nível fundamental é considerado o mais simples e abstrato; nele, a significação surge como uma oposição de termos que possuem traços comuns, ou seja, o sentido é estabelecido em uma rede de relações entre eles.

> O nível fundamental analisa a(s) categoria(s) mais geral(is) que organiza(m) o sentido do texto (semântica), bem como o encadeamento de seus componentes (sintaxe) (FIORIN, 2008, p. 128).

Nessa rede de relações, os termos mantêm sempre uma relação de negação, por exemplo, os termos /vida/ vs. /morte/, que podem pressupor outros termos contraditórios, como /não vida/ vs. / não morte/. Essa rede de relações pode ser formalizada no modelo do quadrado semiótico, como apresentamos abaixo:



Já o segundo nível, o narrativo, organiza as significações em relação ao "poder fazer" e ao "poder transformar" do sujeito.

> O nível narrativo examina os estados e as transformações. Para a Semiótica, todo texto apresenta narratividade, na medida em que há estados e transformações em todos eles, porque neles se criam simulacros da ação do homem no mundo (FIORIN, 2008, p. 128)

Segundo Barros (2000, p.17), as estruturas narrativas "simulam, por conseguinte, tanto a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido, quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos". Portanto, é nesse nível que se dá a relação entre os homens e a relação entre o homem e as coisas. Batistote destaca que, para isso, as narrativas se organizam em enunciados, programas e percursos:

> A narrativa se organiza em enunciados (de estado ou de fazer), programas (de doação de competência semântica ou modal, de

> performance, de interpretação ou retribuição), percursos (do destinador-manipulador, do sujeito e do destinador-julgador), para formar o esquema narrativo, que é uma organização lógica de percursos narrativos (BATISTOTE, 2012, p.41).

Na cobertura do Caso Guaiviry, pode-se contextualizar o nível narrativo por meio de personagens que aparecem nos relatos e que assumem determinados papéis. Como exemplos, citam-se a Polícia Federal, que assume o papel de "investigar" o caso, ou seja, de revelar a "verdade"; os índios e os produtores rurais que ora podem mostrar-se sujeitos manipuladores, ora sujeitos manipulados.

A última etapa do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo, é, segundo Barros (2000, p. 53), "o mais próximo da manifestação textual", sendo as estruturas discursivas "mais específicas, mas também mais complexas e enriquecidas que as estruturas narrativas e as fundamentais".

Fiorin (2011, p. 55) destaca que, nesse nível, os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação e convertidos em discurso. "A enunciação é o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação). Ao realizar-se ela deixa marcas no discurso que constrói". O estudo da enunciação é feito de duas maneiras: Por meios da sintaxe e da semântica discursiva. Pode-se dizer que a sintaxe discursiva explica as relações entre enunciador/autor e enunciatário/leitor, e revela os mecanismos de manipulação e persuasão utilizados no discurso. Greimas e Courtés explicam como se dão os procedimentos de discursivização, ou seja, as projeções da instância da enunciação no enunciado:

> Os procedimentos de discursivização – chamados a se constituírem numa sintaxe discursiva – têm em comum o fato de poderem ser definidos como a utilização das operações de debreagem e de embreagem e ligarem-se, assim, à instância da enunciação. Dividir-se-ão em pelo menos três subcomponentes: actorialização, temporalização e espacialização, que têm por efeito produzirem um dispositivo de atores e um quadro ao mesmo tempo temporal e espacial, em que se inscreverão os programas narrativos provenientes das estruturas semióticas (2012, p. 143).

Nesse contexto, pode-se dizer que cada uma das histórias, das versões, ou seja, dos enunciados que fazem parte da cobertura do Caso Guaiviry, são assumidos por um sujeito. Por sua vez, essas versões são dirigidas ao público, internautas, leitores, ou seja, aos enunciatários. De acordo com Barros, “cabe ao enunciador exercer o fazer persuasivo por meio das estratégias e procedimentos do texto, para convencer o enunciatário a aceitar seus valores” (2012, p. 28). Desse modo, a teoria semiótica mostra que toda comunicação é uma forma de manipulação e, por isso, as “escolhas” feitas pelo sujeito da enunciação evidenciam as estratégias de persuasão e o seu modo de operar. Fiorin destaca que “mesmo quando os elementos da enunciação não aparecem no enunciado, a enunciação existe, uma fez que nenhuma frase enuncia sozinha” (2011, p. 55).

Na semântica discursiva, a enunciação é estudada por meio dos “valores” presentes na narrativa, concretizados em percursos temáticos e revestidos por percursos figurativos. Os temas são os conteúdos semânticos tratados de forma abstrata, as figuras são os conteúdos semânticos sensoriais que revestem os temas.

De acordo com Barros,

> Os temas e figuras são, portanto, determinados sócio-historicamente e trazem para o discurso o modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos (2012, p. 46).

Para as análises do *corpus* da pesquisa, utilizamos também o conceito de “simulacro”, compreendido pela semiótica como “parecer verdadeiro”. Barros afirma que “os simulacros são objetos imaginários, que não têm fundamento intersubjetivo, mas, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas” (2002, p. 63). As reportagens sobre o Caso Guaiviry, ao construírem os “pareceres” dos personagens, pretendem que eles sejam entendidos como “verdadeiros” pelo leitor.

Após a exposição dos conceitos pertencentes à semiótica greimasiana, é importante destacar que os níveis do percurso gerativo de sentido podem ser estudados e aplicados separadamente.

Na sequência, contextualizamos o plano de expressão, da semiótica plástica e das relações semissimbólicas.

3.2 Plano de expressão, semiótica plástica e o semissimbolismo

Com já dito, um texto manifesta-se quando o plano de conteúdo é relacionado com o plano de expressão. Em alguns textos, o plano de expressão opera apenas para a veiculação, mas em outros casos, ele constrói efeitos de sentido. Fiorin (2012, p.57) distingue dois tipos de texto: os que possuem função utilitária, ou seja, que têm o objetivo de informar, convencer, explicar ou documentar; e aqueles que possuem função estética. No caso da cobertura fotojornalística do Caso Guaiviry, por exemplo, as imagens, dotadas de valor jornalístico, possuem função utilitária e função estética, ao mesmo tempo.

Para a compreensão de um texto com função utilitária e função estética, é necessário entender não apenas os elementos do conteúdo, mas o significado dos elementos da expressão. Segundo Lara, “o plano de expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo, nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto” (2011, p. 3). A semiótica plástica, também chamada de semiótica visual, dedica-se aos textos com função estética. Considerada como um dos desdobramentos da semiótica greimasiana, teve Jean-Marie Floch como um de seus principais fundadores. Colaborador de Greimas, Floch se dedicou ao estudo das linguagens visuais, como pinturas, esculturas e peças publicitárias.

De acordo com Pietroforte (2012, p. 21), quando uma forma de conteúdo e uma forma de expressão são articuladas entre si, ou seja, são correlacionadas, há uma relação semissimbólica.

O semissimbolismo oferece, na prática, uma leitura diferenciada dos textos ao associar relações de cor ou de forma, referentes à expressão; com relações de sentido, referentes ao conteúdo.

Em suma, de acordo com Teixeira (1998, p. 3), o estudo dos sistemas semissimbólicos estabelece o diálogo do “sensível” com o “inteligível” “ao destacar, na correlação entre as categorias dos planos da expressão e do conteúdo, os mecanismos reveladores da transfiguração das sensações.

4 EFEITOS DE SENTIDO NA COBERTURA DO CASO GUAIVIRY: ANÁLISES DAS MATÉRIAS

Para dar continuidade ao processo investigativo de nossa pesquisa, procuramos descrever e interpretar nosso objeto empírico. Como os três ciberjornais, Campo Grande News, G1 MS e Folha de São Paulo, publicaram grande quantidade de notícias sobre o ataque ao acampamento indígena Guaiviry, fizemos recortes e para a análise, recorremos aos conceitos pertencentes à sintaxe e à semântica do nível discursivo da semiótica. Como afirma Barros (2000, p. 54), "é nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído". Lembramos que cabe à sintaxe discursiva explicar as relações estabelecidas pelo texto entre enunciador e enunciatário e revelar os mecanismos argumentativos utilizados. A semântica discursiva aponta os temas e figuras escolhidos pelo enunciador e, assim, revela a formação ideológica do texto.

4.1 Aparecimento do caso: análises das primeiras matérias

Para iniciar a apreciação dos textos sob o olhar da semiótica greimasiana, selecionamos a primeira matéria publicada por cada ciberjornal sobre o Caso Guaiviry. Dessa forma, os três textos apresentadas neste item descrevem o dia do ataque ao acampamento indígena, contam como ocorreu o crime e detalham o local onde ocorreu a ação. Nas três notícias, o enunciador busca apresentar ao enunciatário a espacialização, ou seja, localização onde se passou o fato, na região sul de Mato Grosso do Sul, na faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai e, também, a temporalização, data e horário do fato. No entanto, percebe-se que, neste primeiro momento, os autores não apresentam, de maneira definitiva, os atores que compõem cada uma das histórias narradas.

A seguir, apresentamos as três reportagens e destacamos alguns dados que compõem cada uma delas:

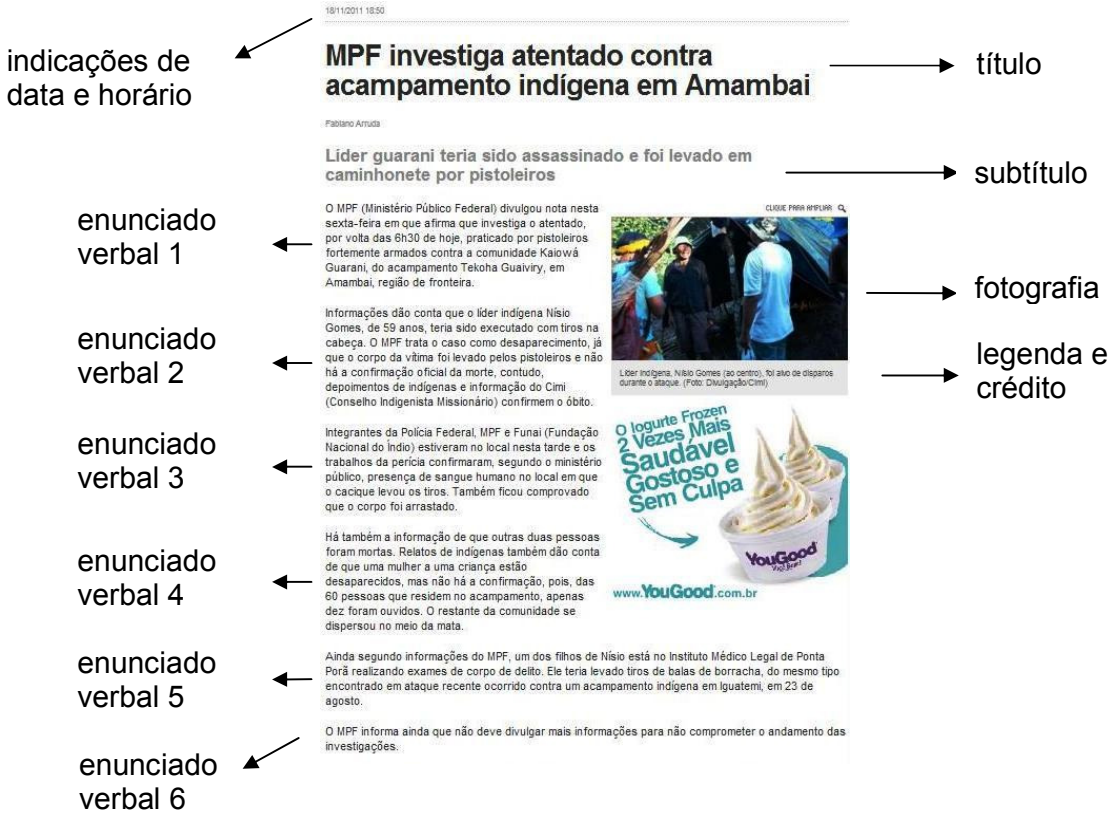


Figura 2: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011

Fonte: Campo Grande News

Veiculada no portal Campo Grande News, a matéria é composta de seis parágrafos, ou seis enunciados verbais, com título[16], subtítulo[17] e indicações de data e horário em que ela foi publicada. Também há a indicação do autor do texto.

[16] Rabaça e Barbosa (1987, p. 577) definem título como a palavra ou a frase, geralmente composta em corpo maior do que o utilizado no texto, e situada com destaque no alto de notícia, artigo, seção, quadro, etc., para indicar resumidamente o assunto da matéria e chamar a atenção do leitor para o texto.

[17] De acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p. 550), o subtítulo é o título secundário, colocado imediatamente após o título principal de uma matéria jornalística. (...) Serve para destacar algum detalhe que completa o sentido do título e segue, geralmente, as mesmas normas de redação deste.

No corpo da reportagem, há uma fotografia com legenda[18] e crédito que, nesse caso, aponta o nome de um órgão, o que indica que a imagem não foi feita pela equipe do veículo de comunicação que publicou a reportagem.

Figura 3: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011

Fonte: G1 MS

Publicada no G1 MS, a matéria é composta de três enunciados verbais, título, subtítulo e indicações de data e horário em que ela foi publicada, além de indicação do autor. O texto possui uma ilustração que, nesse caso, pode ser visualizado na forma de um mapa, que complementa os enunciados e indica a localização “exata” de onde ocorreu o fato, ou seja, do acampamento atacado.

[18] De acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p. 357), a legenda é o texto jornalístico que acompanha uma ilustração. Vem geralmente abaixo da foto ou desenho, mas pode igualmente estar colocada ao seu lado, acima, ou mesmo dentro do seu espaço. A legenda jornalística é uma frase curta, enxuta, destinada a indicar ou ampliar a significação daquilo que a acompanha. (...) Sua finalidade é interessar o leitor o suficiente para que volte a olhar a fotografia com maior atenção.

Na notícia há ainda dois títulos hipertextuais, ou seja, que proporcionam ao internauta a possibilidade de acessar outros conteúdos, outros links, e de percorrer novos caminhos informativos a partir da própria matéria.

Figura 4: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011

Fonte: Portal Folha de São Paulo

Publicada no portal Folha de São Paulo, a matéria é composta por sete parágrafos, além de título e indicações de data e horário em que ela foi publicada e editada, indicações do autor e do local em que foi escrita. O texto conta ainda com a

mesma fotografia publicada na matéria do Campo Grande News. A imagem possui legenda e crédito.

4.1.1 Contratos de “verdade” e mecanismos de persuadir o leitor

Os enunciados podem expor contratos de mentira ou de verdade entre autor e leitor. Neste caso, por se tratarem de textos jornalísticos, publicados em ciberjornais, estabelecem contratos de “veridicção”, entre o enunciador e o enunciatário. Barros (2000, p. 64)**,** esclarece que:

> O discurso constrói a sua verdade. Em outras palavras, o enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas fabrica discursos que criam efeitos de verdade ou de falsidade, que parecem verdadeiros ou falsos e como tais são interpretados.

Após identificar o tipo de contrato que se estabelece entre enunciador e enunciatário, cabe, ainda, verificar os mecanismos utilizados para persuadir o leitor e também os procedimentos utilizados por esse leitor para interpretar o discurso.

> Enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso. O enunciador define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer persuasivo e a ação subsequente. Tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam pelo discurso (BARROS, 2000, p. 62)

Nota-se ainda que os textos foram produzidos, quase que em sua totalidade, em terceira pessoa, ou seja, no tempo do “então” e no espaço do “lá”. Esse mecanismo, denominado pela semiótica como debreagem enunciva, cria um efeito de distanciamento e tem por finalidade convencer o enunciatário de que o discurso é “imparcial”.

Outro recurso utilizado para persuadir o leitor é a ancoragem. Para Barros (2000, p. 60), “trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como reais ou existentes”. A ancoragem pode ser actancial, espacial ou temporal; esse mecanismo produz efeitos de “realidade” e de “referencial”. No *lead*[19] das três reportagens, o enunciador utiliza desse recurso de forma “exaustiva”. As ancoragens actanciais são concretizadas nos momentos em que o narrador apresenta os atores da enunciação ao leitor. No caso do Campo Grande News; “pistoleiros” e “comunidade Kaiowá Guarani”. No G1 MS; “líder indígena”, “índios” e “pistoleiros”; já na Folha de São Paulo aparecem: “líder guarani-caiová Nísio Gomes” e “homens encapuzados”. É verdade que as pessoas e os grupos citados fazem parte do mundo natural e, por isso, o leitor os reconhece como atores reais, agindo em uma situação real. Ainda para persuadir o receptor, o autor contextualiza a história fazendo ancoragens temporais nos textos; como “sexta-feira”, “6h30 de hoje” e “manhã desta sexta-feira (18)”. O leitor pode questionar se seria possível, em meio a um ataque, precisar, por exemplo, o horário do fato. No entanto, ao caracterizar o momento em que se passa a história, dar detalhes que não contribuem significativamente com a narrativa, o enunciador consegue situar o leitor em um determinado tempo, e assim, cria efeitos de referente. “Se são reais as personagens, os locais e os momentos em que os fatos ocorrem, torna-se verdadeiro todo o texto que a eles se refere”, (BARROS, 2000, p. 60)

Os textos também possuem ancoragens espaciais como: “acampamento Tekoha Guaiviry”, “região de fronteira”, “região sul de Mato Grosso do Sul” e “entre as cidades de Amambai e Ponta Porã”. Da mesma maneira, ao detalhar a localização do fato, o autor situa o leitor em um determinado espaço. Mesmo nunca tendo visitado os locais citados na história, o enunciatário tem a “impressão”, a “ilusão”, de saber exatamente onde ocorreu o fato. Nas três matérias, aparecem ainda Ministério Público Federal (MPF), Polícia Federal e FUNAI. No cibermeio Campo Grande News, o enunciador coloca o órgão como fonte e atribui a ele ações humanas: “MPF trata” e "MPF informa”. O mesmo acontece na reportagem da Folha de São Paulo: “Funai não confirma”. Esse recurso é muito utilizado nas matérias

[19] Primeiro nível da pirâmide invertida, uma das técnicas de redação do jornalismo escrito, onde o texto de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas: o quê, quem, onde, como, quando e por que – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, 2007, p. 5).

jornalísticas para referendar as informações divulgadas. Ao citar os órgãos, cria-se o efeito de sentido de que a notícia tem credibilidade.

4.1.2 Percursos temáticos e figurativos

Na semântica discursiva, as mudanças de estado são concretizadas e os valores presentes na narrativa são organizados em percursos temáticos, revestidos por percursos figurativos. Fiorin conceitua os dois elementos e aponta que, na análise do texto, eles são complementares:

> A figura é o termo que remete a algo do mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente e etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural. (...). Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc (FIORIN, 2011, p.91).

Barros destaca que a recorrência de traços semânticos no texto se constitui em percursos que podem ser organizados por temas e recobertos por figuras:

> Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. (...). Pelo procedimento de figurativização, figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial (BARROS, 2000, p. 68-72).

Tendo como modelo Batistote (2012, p. 92), destacamos os temas e as figuras apresentadas nos três textos jornalísticos nos quadros abaixo:

Na matéria publicada pelo portal Campo Grande News:

Tema	**Figuras**

Violência	"(...) afirma que investiga o **atentado**" "(...) o líder indígena Nísio Gomes, de 59 anos, teria sido **executado** com **tiros na cabeça**" "(...) presença de **sangue** humano no local" "(...) ficou comprovado que o **corpo** foi arrastado"
Guerra/ confronto	"(...) praticado por pistoleiros **fortemente armados**"

A figurativização predominante na descrição do ataque é indicada por figuras como: atentado, executado, tiros, sangue e morte. Uma segunda característica que chama a atenção na figurativização é a descrição dos suspeitos pelo ataque: pistoleiros fortemente armados. A figurativização manifesta os temas de violência exacerbada, de guerra e de confronto.

Na matéria publicada pelo portal G1 MS:

Tema	**Figuras**
Tensão	"Um líder indígena **teria sido assassinado** e outros índios **teriam ficado feridos** (...)" "(...) pistoleiros **teriam invadido a área**" "(...) apurar os supostos **crimes que teriam ocorrido** no acampamento"

Os termos que se destacam na figurativização da descrição do ataque são: "teria sido assassinado", "teriam ficado feridos", "teriam invadido a área", "crimes que

teriam ocorrido". As figuras, e o emprego do verbo ter sempre no tempo condicional, indicam uma atmosfera de tensão e apreensão que permeiam os temas do discurso.

No texto publicado pela Folha de São Paulo:

Temas	**Figuras**
Criminalidade	"(...) Nísio Gomes foi **assassinado**" "Os homens **abriram fogo** contra o acampamento" "(...) Gomes, 59, levou um **tiro na cabeça**"
Medo/ mistério	"(...) por homens **encapuzados**"

Já no terceiro texto, os temas manifestados nos textos são de criminalidade, medo e mistério. A figurativização predominante no texto é indicada pelos termos assassinado, abriram fogo e tiro. Outras figuras utilizadas no discurso, como encapuzados, ressaltam a atmosfera de mistério.

4.2 Efeitos de sentido na cobertura fotojornalística do Campo Grande News

Debruçamos de maneira atenta sobre as fotografias da reportagem publicada no Campo Grande News, no dia 24 de novembro de 2011, seis dias após o ataque ao acampamento indígena Guaiviry. O texto foi intitulado como "Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra" (Anexo B). Para as análises, recorremos à semiótica plástica e aos conceitos de plano de expressão e de relações semissimbólicas, mencionados no terceiro capítulo. Julgamos pertinente abordar também conceitos referentes ao fotojornalismo e aos elementos que contribuem para os efeitos de sentido de uma fotografia.

4.2.1 Características do fotojornalismo

Assim como o jornalismo, o principal objetivo do fotojornalismo é informar. “A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina” (Sousa, 2004, p. 9). Por muito tempo, a fotografia foi encarada como registro visual da verdade. Atualmente, pode ser vista como uma representação visual da realidade.

É preciso salientar que, nem todas as imagens publicadas em jornais impressos, em revistas ou nos cibermeios têm o objetivo de informar. Para Sousa (2004, p.10), o fotojornalismo abrange, de forma prática, as fotografias que possuem “valor jornalístico”. Sousa (2004, p.12) afirma que quando falamos de fotojornalismo, não nos referimos apenas à fotografia, e sim à conciliação de imagens e texto. Como para a semiótica a linguagem visual, ou seja, a imagem, também é concebida como um texto, entendemos aqui o termo “texto”, utilizado por Sousa, como sinônimo de “linguagem verbal”.

Ao fotojornalista cabe descrever, narrar, ou seja, contar os acontecimentos por meio de “cliques”, de imagens captadas por ele com aparatos tecnológicos, como máquinas fotográficas, ou até mesmo, aparelhos celulares. Dessa forma, podemos entender que a fotografia é também a representação visual de parte da realidade, sob o “olhar do fotógrafo.

Na sequência, destacamos os elementos fotográficos.

4.2.2 Elementos da fotografia

Entre os elementos que contribuem para os efeitos de sentido de uma fotografia, está o enquadramento, que abrange os sujeitos, os objetos e os espaços fotografados. De acordo com Sousa (2004, p. 67), o enquadramento corresponde ao

“espaço da realidade visível representado na fotografia”. O enquadramento concretiza-se nos planos. As denominações e tipologias dos planos variam de acordo com autores. Sousa descreve quatro tipos de planos, que geram diferentes efeitos de sentido no nível da expressividade fotográfica.

Os “planos gerais” são abertos e servem, principalmente, para situar o observador, mostrando espaços, localizações ou lugares “concretos”. Os “planos de conjunto” podem ser classificados como planos gerais mais fechados, onde é possível distinguir os intervenientes de uma ação e a própria ação com facilidade e por inteiro. Os “planos médios” servem para relacionar objetos ou “sujeitos” fotográficos, aproximando-se de uma visão “objetiva” da realidade; um plano médio mais aberto pode ser denominado como um plano de três quartos, ou um plano americano; um plano médio mais fechado pode ser denominado como um plano próximo. Por último, os chamados “grandes planos” enfatizam particularidades dos sujeitos ou dos lugares, são mais expressivos do que informativos, embora também sejam menos polissêmicos do que os planos gerais, porque possuem menos elementos para consumo do observador. Quando o grande plano é muito fechado, é denominado como “muito grande plano”, “plano de pormenor” ou “close-up”.

Os ângulos de captação de imagem também se materializam no plano. Denominado de “plano normal”, ocorre quando a tomada da imagem é feita paralelamente à superfície, oferecendo uma visão “objetiva” sobre a realidade representada na fotografia. O chamado “plano picado” ocorre quando a tomada de imagem é feita de cima para baixo, desvalorizando o motivo fotografado. Ao contrário, o “plano contrapicado” é quando a tomada de imagem é feita de baixo para cima, valorizando o motivo fotografado.

Outros elementos, denominados como morfológicos, também contribuem para gerar sentidos ou sensações a partir de uma fotografia, como linhas, textura, padrão e cor. As “linhas de força” são linhas implícitas ou explícitas que conduzem o olhar do observador a uma parte da imagem, ou que induzem o observador a fazer uma leitura orientada da fotografia, a percorrer os pontos da imagem ligados por essa linha. Como a fotografia é bidimensional, as sensações de altura, largura e profundidade manifestam-se por meio de um conjunto de ilusões ópticas, denominadas de “linhas de perspectiva”. As “linhas horizontais, verticais e oblíquas”

tendem a dar a sensação de imobilidade, ou seja, de tensão estática. Já as linhas oblíquas introduzem movimento, tensão dinâmica à imagem. Sousa (2004, p. 89) cita o exemplo de uma ginasta. “Se ela for fotografada fazendo uma linha oblíqua com o corpo, a fotografia ganha dinamismo. A mesma ginasta também pode curvar-se completamente, fazendo uma roda com o corpo. Geometricamente, o seu corpo faria uma linha curva, e a fotografia geraria uma sensação de movimento”.

Alguns objetos têm particularidades, como “texturas”. Os aspectos rugosos ou ásperos contribuem para os processos de geração de sentido quando fotografados. Por exemplo, o aproveitamento de rostos e de árvores. É possível associar as “rugas” de alguém às “rugas” do tronco de uma árvore.

O “padrão” é a repetição de um determinado elemento. Por exemplo, uma cerca de tábuas verticais idênticas.

A “cor” é um potente elemento produtor de sensações e emoções. No entanto, os efeitos de sentido produzidos pelas cores levam em consideração o contexto das imagens e cultura dos observadores. A harmonia cromática ocorre quando, na imagem, há cores próximas, como laranja, amarelo e vermelho. Em contrapartida, o contraste cromático ocorre quando há cores opostas, como azul, vermelho e violeta. Também ocorre o contraste cromático quando há a mistura de cores fortes com cores neutras, ou de cores escuras com cores claras. A harmonia de cores quentes, como amarelos e vermelhos, pode remeter a ideia de calor, estabilidade, proximidade e afetividade. A harmonia de cores frias, como azuis e verdes, pode possibilitar a exploração da ideia de distanciamento e de frieza.

No que tange às sensações causadas por cada cor, Farina explica que “a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir”.

> A cor é vista: impressiona a retina. É sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem que comunique uma ideia. (FARINA, 1982, p. 27)

Abaixo citamos as cores, denominadas de neutras, que julgamos de importância para este estudo, e os respectivos efeitos produzidos por elas, segundo Farina:

- Branco: ordem, simplicidade, limpeza, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, pureza, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade, bem.

- Preto: mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, frigidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga, sujeira, sombra, enterro, noite, carvão, fumaça, condolência, morto, fim, coisas escondidas.

A seguir, apresentamos análises de fotografias da reportagem publicada no Campo Grande News, em que retomamos esses conceitos apresentados.

4.2.3 Análises: plano de expressão e relações semissimbólicas

Pietroforte (2012, p. 41) lembra que, como um texto, toda foto é um enunciado que implica em uma enunciação que o produziu. O observador da foto, portanto, é o enunciatário dessa enunciação.

As fotografias, sistemas semióticos visuais, da matéria publicada no Campo Grande News aparecem articuladas com as legendas, sistemas semióticos verbais, compondo, dessa forma, textos sincréticos. Em um primeiro momento, vamos isolar as imagens das legendas para analisá-las separadamente. Posteriormente, vamos determinar os efeitos de sentido desses textos sincréticos, avaliando as relações estabelecidas entre os dois sistemas, o visual e o verbal.

O rosto pintado contrasta com o verde das plantações em área ocupada por índios guarani-kaiowá. (Fotos: João Garrigó)

Figura 5

As fotografias da matéria publicada no portal Campo Grande News foram tiradas no acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, alguns dias após a morte do cacique Nísio Gomes.

A primeira fotografia da reportagem (Figura 5), do fotojornalista João Garrigó, traz em primeiro plano a figura de um indígena; esse papel temático é justificado pela figura de um homem, de pele morena, cabelos pretos, olhos escuros e pintura no rosto. O enquadramento utilizado, denominado de grande plano ou *close*-up, valoriza a expressividade do sujeito fotografado, por isso, visualizamos apenas a face do homem e não vemos o “resto” do corpo. Assim, não sabemos se ele é alto ou baixo, gordo ou magro, se está vestido, seminu ou nu. No rosto, vemos uma pintura, de cor preta e sem formas definidas. A composição de luz e sombra da fotografia destaca a boca e o nariz, mas esconde parte da face do homem. A imagem traz no plano de fundo três personagens, três mulheres. Percebemos que elas têm a pele morena, cabelos de tamanhos médios ou longos, e de cor escura. Como nesta parte da fotografia as personagens estão em um enquadramento de plano próximo, podemos ver apenas dos ombros para cima.

Para analisar o texto, faremos a primeira divisão teórica, separando o plano de conteúdo, que se refere aos efeitos de sentido do texto; do plano de expressão, que se refere à manifestação desse conteúdo.

Ao verificar o plano de conteúdo, o que nos chama a atenção é a direção do olhar de cada um dos sujeitos fotografados. Notamos que, enquanto o homem está com o olhar voltado para frente, ou para o horizonte; as mulheres estão com os olhares direcionados para baixo, ou para o chão. Nessa perspectiva, temos a oposição entre ser superior e ser inferior, em relação às categorias homem e mulher. Isso produz o efeito de sentido de que o homem indígena é visto como sujeito superior; e a mulher como sujeito inferior. Outro ponto que chama a atenção é a pintura no rosto do personagem que está em primeiro plano. A figurativização na cor preta remete a diversos temas como miséria, tristeza, desgraça, dor, temor, opressão, angústia e morte.

Para analisar o plano de expressão de todas as fotografias da reportagem publicada no Campo Grande News, utilizamos três dimensões: a topológica, a eidética e a fotocromática, como propõe Lara (2011). A ordem das dimensões não será relevante para a análise, uma vez que elas se articularão e se complementarão na unidade, ou seja, no texto.

Na primeira fotografia (Figura 4), é possível determinar pelo menos duas categorias plásticas. As cores (dimensão fotocromática) aparecem como elementos distintivos. Na definição do “espaço” fotografado, nota-se a predominância de duas cores (dimensão fotocromática): o verde, cor fria, que representa a mata, a vegetação; e a cor marrom, cor quente, que representa a terra, o chão. Podemos dizer que essas categorias plásticas remetem à oposição temático-figurativa da pujança *vs.* escassez. A oposição de luz /claridade que ilumina parte da face do indígena vs. a sombra/*escuro,* que esconde parte do rosto, divide o personagem fotografado em dois. Pode-se dizer que a figura do indígena é iluminada e sombria ao mesmo tempo, o que remete, no plano de conteúdo, à oposição de bem vs. mal e produz o efeito de sentido de simultaneidade entre essas forças, ora o sujeito indígena apresenta-se como bom, ora de forma maléfica.

Na imagem, há linhas de força implícitas que se concentram e que condicionam o olhar do enunciatário para o sujeito em destaque, em primeiro plano, ou seja, para o homem indígena. Em oposição, outras linhas de força se difundem e levam o olhar do observador para outros objetos da fotografia e para personagens de menos destaque, em segundo plano, ou seja, para as mulheres. Essa organização sugere, portanto, a oposição de concentração *vs.* difusão (categoria eidética), na definição das relações entre as pessoas fotografadas e remete aos valores semânticos citados anteriormente, de sujeito superior *vs.* sujeito inferior.

Temos, dessa forma, o seguinte quadro de correlações entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, responsáveis pela construção de relações semissimbólicas, ou seja, pela unidade de sentido do texto:

<table>
<tr><td>Plano de conteúdo</td><td colspan="2">bem vs. mal

pujança vs. escassez

sujeito superior vs. sujeito inferior</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Plano de expressão</td><td>Categoria fotocromática</td><td>cor fria vs. cor quente

luz vs. sombra</td></tr>
<tr><td>Categoria eidética</td><td>concentração vs. difusão</td></tr>
</table>

Em meio a plantação de soja, índios guarani-kaiowá dizem que vão ficar no lugar.

Figura 6

Na segunda fotografia da reportagem (Figura 6), que também ocupa uma posição de destaque no texto sincrético como um “todo”, há a predominância de cores frias. A imagem é dividida por uma linha de perspectiva que distingue “céu”, representado pelos tons de azul; e terra, figurativizada pelos tons de verde. Dois personagens compõem a ilustração. Em primeiro plano, uma indígena, em que o papel temático é justificado pela figura de uma mulher, de pele morena, cabelos negros, longos e pinturas no rosto. Ela parece estar com o olhar voltado para frente. Ela segura um objeto, um pedaço de madeira que lembra um cajado, ou uma lança artesanal, e que está voltado para baixo. Em segundo plano, um homem, que na verdade lembra um jovem, figurativizado em um corpo magro, também de pele morena e cabelos pretos e curtos. Pela fotografia não é possível obter muitas informações sobre esse personagem. Devido à profundidade de foco, não há definições precisas em relação às formas do sujeito fotografado em segundo plano. Mesmo assim, nota-se que ele segura um objeto semelhante ao que está com a mulher, mas voltado para cima. No plano de fundo há apenas uma cerca, aparentemente de tábuas, uma ao lado da outra, em posição vertical. Em relação ao enquadramento, notamos que a mulher está em um plano médio e o jovem em um plano de conjunto.

No plano de expressão, destacamos a oposição superior *vs.* inferior (categoria topológica), reforçada na separação das cores frias (categoria fotocromática): na parte de cima, a harmonia em tons de azul, figurativizada pelo céu, remete ao tema de “plano celestial”; na parte de baixo, a harmonia em tons de verde, figurativizada pela plantação, faz alusão ao tema de “plano terrestre”. Na perspectiva do discurso religioso, os elementos da imagem sugerem uma oposição semântica do divino *vs.* o humano. É importante destacar também que a harmonia de cores frias causa um efeito de sentido de distanciamento.

De acordo com a análise, apresentamos o seguinte quadro de correlações entre o plano de conteúdo e o plano de expressão:

Plano de conteúdo	divino *vs.* humano	
Plano de expressão	Categoria topológica	superior *vs.* inferior
	Categoria fotocromática	harmonia de azul *vs.* harmonia de verde

O medo continua, afirma a comunidade, que está sob proteção da Força Nacional de Segurança. (Foto: João Garrigó)

Figura 7

As fotografias analisadas em seguida (Figuras 7 e 8) não ocupam lugares de destaque no texto sincrético como um todo (Ver Anexo B). São imagens menores, posicionadas em meio ao texto verbal da reportagem. Na terceira imagem analisada, o destaque é uma indígena, cujo papel temático é justificado pela figura de uma mulher, de pele morena, cabelos pretos e longos, olhos escuros e pintura no rosto. A indígena está enquadrada em um “plano próximo” e está posicionada no “centro” do espaço captado pelo fotojornalista. Assim como na primeira fotografia analisada (Figura 5), a pintura no rosto da personagem chama a atenção do observador. A figurativização na cor preta remete a temas negativos, já citados neste capítulo.

Devido à profundidade de foco, a face da mulher aparece mais definida do que as das outras pessoas que a cercam, praticamente indefinidas, sugerindo dessa forma, uma oposição de concentração vs. difusão (categoria eidética), em relação às formas dos personagens da fotografia. Na análise da terceira fotografia não foi detectada a existência de correlações, relevantes, entre plano de conteúdo e plano de expressão. Por isso, serão destacadas, no quadro abaixo, apenas as categorias plásticas manifestadas pelos elementos da imagem:

Plano de expressão	Categoria eidética	concentração *vs.* difusão

Genito, à esquerda, mudou da aldeia onde morava para assumir herança de Nisio.

Figura 8

Na imagem, uma linha de perspectiva separa o verde (cor fria), figurativizado pela vegetação; do marrom (cor quente), figurativizado pela terra. Chama a atenção do observador/enunciatário, a presença de duas ocorrências de “padrão”, ou seja, da repetição de um determinado elemento na imagem. Na primeira ocorrência, destaca-se a repetição de pessoas, lado a lado, na posição vertical. Na segundo ocorrência, nota-se uma estrutura formada pela repetição de objetos, espécies de lanças artesanais, posicionadas lado a lado, na posição vertical, sustentadas por uma lança artesanal na posição horizontal.

No plano de expressão, é possível determinar, por duas vezes, a oposição entre verticalidade vs. horizontalidade (categoria topológica); tanto na relação entre as pessoas fotografadas (↑ e a linha de perspectiva que divide a imagem (→); quanto na relação entre a estrutura de lanças artesanais. Na análise da última fotografia da reportagem também não foi detectada a presença de correlações, relevantes, entre plano de conteúdo e plano de expressão. Por isso, serão destacadas, no quadro abaixo, apenas as categorias plásticas manifestadas pelos elementos da imagem:

Plano de expressão	Categoria topológica	horizontal *vs.* vertical
	Categoria fotocromática	cores quentes *vs.* cores frias

Como afirma Pietroforte (2012, p.51) “como uma pessoa do discurso, quem aparece na foto torna-se uma personagem da história que ela conta, de modo que se pode determinar o papel representado a partir de suas conotações sociais e lê-lo como um papel social”.

As análises das imagens revelam conotações negativas em relação aos indígenas das etnias Guarani e Kaiowá na reportagem publicada no cibermeio, além de uma exploração excessiva do sofrimento e do medo do grupo que teve o acampamento atacado.

4.2.4 Legendas com função de ancoragem

As fotografias com valor jornalístico aparecem, frequentemente, articuladas com legendas, ou seja, com sistemas semióticos verbais, compondo, desta forma, textos sincréticos. Citado por Pietroforte (2012, p. 49), Barthes propõe que a palavra pode ter duas funções em relação à imagem, de ancoragem ou de etapa. Quando as palavras explicam o que se passa na imagem, o sistema semiótico verbal cumpre a função de ancoragem, como é o caso das fotografias da matéria publicada no Campo Grande News, analisadas neste capítulo. Quando há uma relação complementar entre as palavras e a imagem, o sistema semiótico verbal cumpre a função de etapa.

A legenda da primeira fotografia analisada (Figura 4), “o rosto pintado contrasta com o verde das plantações em área ocupada por índios guarani-kaiowá”, apenas descreve a imagem e reforça os efeitos de sentido apreendidos pelas relações semissimbólicas descritas. No caso da segunda fotografia (figura5), a

legenda “em meio à plantação de soja, índios guarani-kaiowá dizem que vão ficar no lugar”, acrescenta novas informações em relação à imagem. No sistema semiótico verbal, o enunciatário atribui uma afirmação aos sujeitos fotografados.

Na terceira fotografia (Figura 7), a legenda “o medo continua, afirma a comunidade, que está sob proteção da Força Nacional de Segurança” parece “destoar” da imagem; acrescenta novas informações, no entanto, não contribui com os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos, objetos e pelo espaço fotografados.

Na última imagem (Figura 8), a legenda identifica um dos personagens fotografados, com o nome de “Genito”, e também atribui ações a ele: “mudou da aldeia onde morava para assumir herança de Nísio”. Nesse caso, para entender a mensagem e fazer relações do sistema semiótico visual com o sistema semiótico verbal, o enunciatário deve estar munido de informações sobre o Caso Guaiviry. Ao se referir ao nome “Nísio”, o enunciatário relembra o cacique Nísio Gomes, morto no dia do ataque ao acampamento Guaiviry. Deste ponto de vista, pode-se afirmar que há, na fotografia e na legenda, categorias discursivas de pessoa, de tempo e também de espaço, cujos revestimentos semânticos só podem ser determinados a partir do contexto histórico que dialoga com o texto sincrético.

4.3 Desaparecimento: o discurso da Polícia Federal

Nesta parte do trabalho, analisamos três matérias, a primeira, publicada na Folha de São Paulo, no dia 22 de novembro de 2011; a segunda, veiculada no G1 MS, no dia 21 de dezembro de 2011; e a terceira, publicada no Campo Grande News, no dia 18 de fevereiro de 2012. Conduzimos a ordem das análises de acordo com a data de veiculação dos textos, do mais antigo para o mais recente. Destacamos que, assim como fizemos na análise das primeiras matérias sobre o caso, desconsideramos as fotografias e as legendas na apreciação dos textos.

4.3.1 Primeira análise

Comecemos pela análise, no âmbito da sintaxe narrativa, da primeira matéria, publicada quatro dias após o ataque e intitulada como *PF diz que índios foram atacados em MS com balas de borracha* (Anexo H). A seguir, apresentamos a matéria e os seus itens:

Figura 9: Matéria publicada no dia 22 de novembro de 2011

Fonte: Portal Folha de São Paulo

Nota-se que o título, parte introdutória do texto, fornece informações parciais ao leitor. Moraes (2008, p. 43) lembra que,

> O nome de qualquer texto já serve de elemento catafórico[20], pois ele oferece uma informação parcial que será retomada mais adiante, ou seja, é fazendo a leitura integral ou passeando pelo texto que se torna possível estabelecer as relações de sentido entre o título e o assunto discorrido.

Em relação ao título jornalístico, Magalhães (1979. p. 77) afirma que "ao lado da missão de atrair o leitor, interessando-se pela leitura da notícia, o título tem duas outras funções: a informativa e a estética". Nesse viés, notamos que o autor opera com a pressuposição de que o leitor já sabe a qual ataque ele se refere e apresenta um ator (Polícia Federal), que realiza a ação de informar sobre os detalhes do acontecimento. Para deixar claro que o ato de "dizer" é da PF, e não da Folha Online, ela utiliza-se dessa debreagem actancial e cria um efeito de sentido de distanciamento, ou de imparcialidade em relação ao fato. Nota-se também que o autor "presentifica" a ação ao empregar o verbo *diz,* em detrimento do verbo *disse*. Essa estratégia é constantemente utilizada pela mídia para criar efeito de sentido de "atualidade" às reportagens. Sabemos que o ato de narrar é sempre posterior ao acontecimento narrado, no entanto, certas maneiras de construir o discurso simulam uma concomitância entre os dois tempos.

Na sequência da análise das informações, destacamos que a matéria é composta por oito partes de texto verbal. O enunciador utiliza debreagens actanciais (*Polícia Federal, índios guarani-caiovás, líder Nísio Gomes, Conselho Indigenista Missionário – Cimi, homens)*; debreagens espaciais (*Mato Grosso do Sul, fazenda entre os municípios de Amambai e Ponta Porã, acampamento*); e debreagens temporais (*sexta-feira, domingo*). Verificamos que essas debreagens, utilizadas pelo autor como mecanismos de persuadir o leitor são enuncivas, uma vez que os enunciados são construídos em terceira pessoa, com atores, espaços e tempos do próprio enunciado. Dessa forma, o enunciador produz um efeito de sentido de objetividade, predominante em todo o texto, e convence o enunciatário que o discurso produzido é vinculado somente aos acontecimentos narrados.

---

[20] Catáfora é um elemento linguístico que faz referência a um termo subsequente, estabelecendo com ele uma relação não autônoma, portanto, dependente. Para compreender um termo catafórico é necessário interpretar o termo ao qual faz referência. Ao contrário, Anáfora é um elemento linguístico que estabelece uma referência dependente com um termo antecedente.

O autor dá voz a sujeitos: Polícia Federal, Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Índios. No entanto, opera com o que chamamos de discurso indireto, quando a palavra do outro é manifestada pela voz do narrador. Notamos um destaque maior para a Polícia Federal, em detrimento dos outros actantes. O primeiro é citado em seis parágrafos da matéria, enquanto os outros dois são citados em dois dos oito parágrafos. Em uma passagem do texto, o enunciador confronta as informações dadas pela Polícia Federal com as dadas pelos índios, como podemos observar no trecho abaixo:

> *Ainda segundo a PF, as investigações permitiram reconstituir como aconteceu o ataque. Segundo o órgão, o acampamento foi atacado por sete homens armados, e não 40 como alguns índios chegaram a afirmar inicialmente.*

Na composição do enunciado, o autor constrói um simulacro de valor negativo dos índios. Ao confirmar a fala da Polícia Federal e, em seguida, negar a fala dos índios, o enunciador sugere ao enunciatário um efeito de sentido de "mentira". É importante relembrar que as primeiras informações sobre o ataque ao acampamento Guaiviry foram divulgadas à imprensa por meio de nota publicada pelo Cimi, com informações dos índios.

Passemos para a análise do texto no âmbito da semântica discursiva. Tomando como modelo o esquema proposto por Batistote (2012, p. 92), apresentamos as figurativizações manifestadas pelos temas que aparecem no texto no quadro que se segue:

Temas	**Figuras**
Desaparecimento	*"A PF afirma que está tratando o caso como um **desaparecimento** (...)"* *"(...) as investigações apontam que apenas Gomes está **desaparecido**"*
Não-morte	*"(...) o ataque a um acampamento de índios guarani-*

	caiovás em Mato Grosso do Sul foi realizado com ***balas de borracha (não letais)****"* "*(...) Nísio Gomes, 59, foi* ***ferido*** *e* ***levado*** *por homens encapuzados"* *"(...) e* ***não como homicídio****"* *"(...)* ***não foi determinado se Gomes foi morto*** *pelos homens que atacaram o acampamento (...)"* *"Os outros dois índios ficaram* ***feridos*** *(...)"*

Verificamos que o tema do desaparecimento é figurativizado pela versão sobre o crime apresentada pela Polícia Federal. Ao declarar que *"as investigações apontam que apenas Gomes está desaparecido",* o sujeito destaca que, entre todos os índios que estavam no local no dia do ataque, apenas o cacique não foi encontrado e, dessa forma, o enunciado reforça o discurso de que o líder não morreu, apenas desapareceu.

O tema da não-morte é figurativizado pelo relato sobre o ataque, também apresentado pela Polícia Federal. Ao dizer que a autoridade trata o caso "*como um desaparecimento, e não como homicídio",* o texto reforça os discursos da não-morte do cacique Nísio Gomes e evidencia o desaparecimento. Provavelmente, por se tratar de um período em que as investigações estivessem em andamento.

4.3.2 Segunda análise

Passemos para a análise da segunda matéria, publicada no G1 MS, pouco mais de um mês após o crime e intitulada como *Relatório não confirma morte de*

cacique em ataque, diz Polícia Federal (Anexo E). O texto possui sete enunciados verbais:

Figura 10: Matéria publicada no dia 21 de dezembro de 2011

Fonte: G1 MS

Assim como a Folha Online, o G1 MS deixa claro para o leitor que o ato de "dizer" é da PF, e não do enunciador. Para isso, também se utiliza de uma

debreagem actancial. Como constatamos, o mecanismo utilizado pelo ciberjornal cria um efeito de sentido de imparcialidade em relação ao fato narrado.

Os sujeitos do enunciado são: a Polícia Federal, representada em alguns momentos pelo superintendente em exercício, Rodrigo Andrade Oliveira; o Cimi, representado pelo coordenador estadual Flávio Machado; e a Funai, representada pelo coordenador regional Silvio Raimundo da Silva. Notamos uma diferença entre as duas matérias. No primeiro texto, os actantes não são "personificados", o que produz um efeito de sentido de distanciamento. No segundo texto, os personagens são personificados, ou seja, são representados por pessoas, que existem no mundo real e que agem, pensam e falam. Esse mecanismo gera ao enunciatário um efeito de sentido de realidade.

O discurso manifestado na matéria é constituído, primeiramente, por debreagens actanciais (*Polícia Federal, cacique Nísio Gomes, Cimi, Funai e filho do cacique)*; em seguida, por debreagens espaciais (acampamento indígena, *Mato Grosso do Sul, Ponta Porã, Brasília*); e debreagens temporais (*quarta-feira, 18 de novembro, quinta-feira, 14 de dezembro*). Surgem, assim, efeitos de sentido de objetividade, realidade e verdade, que, como constatamos, são próprios desses tipos de debreagens. Como no primeiro caso, o enunciador opera com o discurso indireto e dá voz, mesmo que por meio das palavras manifestadas pelo próprio autor, aos sujeitos do enunciado. Podemos verificar a estratégia utilizada nos dois trechos:

> *Ele diz estar surpreso com o relatório apresentado pela Polícia Federal sobre o caso. Machado afirma que confia no depoimento dos indígenas e na hipótese da morte do cacique.*
>
> *O coordenador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) Silvio Raimundo disse que viajará a Ponta Porã na manhã de quinta-feira (22) para acompanhar de perto a investigação.*

No entanto, percebemos que o texto não opera apenas com o discurso indireto e faz uso de debreagens internas, também chamadas de debreagens de segundo grau, ao dar voz, ou seja, ao dar a palavra aos sujeitos já instalados no enunciado. De acordo com Fiorin,

> A debreagem de segundo grau cria a unidade discursiva denominada discurso direto e cria um efeito de sentido de verdade. Com efeito, o discurso direto proporciona ao enunciatário a ilusão de ouvir o outro, ou seja, suas "verdadeiras" palavras (2011, p. 67).

Para ilustrar os pontos verificados na análise, destacamos o seguinte recorte:

> *Em entrevista ao G1, o superintendente em exercício da Polícia Federal Rodrigo Andrade Oliveira explicou alguns fatores que contribuíram para a suspeita da polícia. Segundo ele, foi realizado no dia 14 de dezembro, em Brasília, o saque de um benefício social que o cacique recebe. "Esse saque só poderia ser feito por ele ou por alguém que tivesse a senha"*

Apresentamos os temas e figuras que aparecem na matéria do G1 MS no quadro que se segue:

Temas	**Figuras**
Desaparecimento	*"(...) laudos da perícia e investigação apontam que o cacique Nísio Gomes,* ***desaparecido*** *desde o ataque (...)"* *"(...) de acordo com o superintendente em exercício, o foco das investigações continua sendo o* ***paradeiro do indígena****"*
Não-morte	*"(...) laudos da perícia e investigação apontam que o cacique Nísio Gomes, desaparecido desde o ataque,* ***pode estar vivo****"* *"(...) sangue encontrado nas cápsulas das* ***balas de borracha****, que segundo a perícia pertencem a Gomes"*
Morte	*"Machado afirma que confia no depoimento dos indígenas e na hipótese da* ***morte do cacique****"*

4.3.3 Terceira análise

Passemos para a análise da terceira matéria, publicada no Campo Grande News, intitulada como *Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai* (Anexo C):

Figura 11: Matéria publicada no dia 18 de janeiro de 2012

Fonte: Campo Grande News

Para produzir efeito de sentido de realidade, instaura-se já, no título, uma debreagem temporal (Dois meses após ataque) e uma espacial (no Paraguai), mas, diferentemente das matérias anteriores, não faz uso de debreagem actancial.

Notamos que, no texto, aparecem os mesmos temas das matérias anteriores. As figuras que levam ao tema do desaparecimento já aparecem no primeiro parágrafo:

> *Faz dois meses hoje que o acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, virou notícia no mundo todo, após um ataque aos índios guarani-caiuá acampados no local à espera da demarcação da fazenda como terra indígena. Desde então, prevalece como mistério o paradeiro do líder da comunidade Nísio Gomes, 59 anos.*

No segundo parágrafo, o enunciador apropria-se de uma estratégia muito utilizada pela imprensa para persuadir o leitor. Observemos o trecho abaixo:

> *A Polícia Federal acredita que Nísio pode estar vivo e, segundo apurou o Campo Grande News, a suspeita é que ele esteja no Paraguai. Para os índios, Nísio foi assassinado por pistoleiros contratados por fazendeiros, que invadiram a área no dia 18 de novembro.*

Ao enunciar *"(...) segundo apurou o Campo Grande News",* o autor opera com uma debreagem actancial enunciva instalando um "ele o Campo Grande News", ao invés de um "eu – o Campo Grande News" no texto. Com isso, criam-se efeitos de sentido de distanciamento e de imparcialidade. Em nenhum momento o ciberjornal explica a procedência da informação inscrita no enunciado, mas, ao empregar o verbo "*apurou",* o enunciador pretende passar ao enunciatário as impressões de veracidade e de credibilidade. Notamos ainda que o autor utiliza-se de uma oposição de discursos, que também produz efeitos de sentido. Ao estabelecer o contraste entre os posicionamentos da Polícia Federal e dos índios, o texto deixa claro, ao leitor, que o ciberjornal identifica-se com o primeiro discurso, e não com o segundo.

No terceiro e no quarto parágrafo, o autor constrói um simulacro de valor negativo de Nísio Gomes ao reproduzir o discurso da PF sobre uma suposta ação realizada pelo cacique, como verificamos no trecho abaixo:

> *Para a PF, um indício forte de que Nísio esteja vivo é o saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu.*

Nos últimos parágrafos do texto, surgem sujeitos que não aparecem nas matérias analisadas anteriormente: a Aty Guassu[21], uma grande assembleia formada por índios das etnias Guarani e Kaiowá; além do Ministério Público Federal (MPF).

Apresentamos, na sequência, o quadro com os temas e figuras que aparecem na matéria do Campo Grande News:

Temas	Figuras
Desaparecimento	*"Desde então, prevalece como **mistério** o **paradeiro** do líder da comunidade Nísio Gomes, de 59 anos"*
Não-morte	*"A polícia acredita que Nísio **pode estar vivo** e, segundo apurou o Campo Grande News, a suspeita é que ele esteja no Paraguai"* *"Para a PF, um indício de que **Nísio esteja vivo** (...)"* *"Não existe mais uma operação de busca pelo corpo, uma vez que a PF entendeu que **não havia evidências de uma execução** (...)".*

[21] De acordo com o antropólogo Tonico Benites, a grande assembleia Guarani e Kaiowá Aty Guasu emergiu na década 80 como um movimento político pouco conhecido no restante do país. O objetivo foi o de fazer frente ao processo sistemático de etnocídio, à expulsão e dispersão forçada das famílias indígenas do seu território tradicional. Das Aty Guasu participam, hoje, centenas de lideranças. Durante os eventos das Aty Guassu ocorrem discussões políticas, também ocorrem rituais para o fortalecimento da luta. Das assembleias, partiram, nas últimas décadas as reivindicações de demarcação de terras, além de denúncias e sugestões sobre possíveis soluções para o problema dos Guarani e Kaiowá. Acessado em 25 de junho de 2014. Fonte: http://atyguasu.blogspot.com.br/2012/11/historia-da-aty-guasu-guarani-kaiowams.html.

4.4 Homicídio: o novo discurso da Polícia Federal

Neste item analisamos duas matérias, a primeira, publicada na Folha Online, no dia 04 de julho de 2012; e a segunda, veiculada no G1 MS, no dia 26 de novembro de 2012. Conduzimos a ordem das análises de acordo com a data de veiculação dos textos, do mais antigo para o mais recente. Destacamos que, diferentemente das apreciações anteriores, utilizamos apenas os pressupostos teóricos da semântica de nível discursivo para as análises dessas últimas notícias.

4.4.1 Primeira análise

Na matéria publicada pelo Portal da Folha de São Paulo, intitulada como *PF considera homicídio desaparecimento de índio em MS* (Anexo I), o enunciador expõe, logo no início, o contraste entre os diferentes discursos produzidos pela Polícia Federal na cobertura jornalística do caso Guaiviry. Abaixo, apresentamos o texto:

Figura 12: Matéria publicada no dia 4 de julho de 2012

Fonte: Portal Folha de São Paulo

Verificamos que o tema do homicídio é figurativizado, em um novo discurso, pela versão sobre o crime apresentada pela autoridade. Apresentamos os temas e figuras que aparecem no texto no esquema abaixo:

Temas	Figuras
Homicídio/ morte	*"Polícia Federal em Mato Grosso do Sul está tratando como **homicídio,** pela primeira vez, o desaparecimento do*

	índio Nísio Gomes (...)" *"A PF informou que novas provas encontradas indicam que **Gomes foi morto** por pessoas vinculadas a uma empresa de segurança (...)"* *"**O corpo do índio** ainda não foi encontrado (...)"*
Conflito	*"(...) **retirada de índios** guarani-caiovás de um acampamento na Fazenda Nova Aurora (...)"* *"Todos tiveram participação no planejamento da ação ou no fornecimento de armas para a ação de **retirada dos índios** (...)"* *"(...) homens encapuzados invadiram o acampamento Guayviry para **expulsar os guarani-caiovás da fazenda**"* *"A área é **disputada por produtores e índios**"*

Nota-se, também, que com a confirmação da morte do cacique o tema do conflito, gerado pela disputa por terras entre produtores rurais e índios, é retomado pelo ciberjornal e aparece figurativizado em expressões como *"Todos tiveram participação no planejamento da ação ou no fornecimento de armas para a ação de retirada dos índios (...)", "(...) homens encapuzados invadiram o acampamento Guayviry para expulsar os guarani-caiovás da fazenda", ou ainda "A área é disputada por produtores e índios".*

4.4.2 Segunda análise

A segunda matéria a ser analisada foi publicada no G1 MS com o título *MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS* (Anexo F). O texto é o último do *corpus* a ser apreciado nesta pesquisa. Notamos que o texto é formado título, subtítulo, nove enunciados verbais, duas fotografias e diversos elementos, como títulos hipertextuais e um intertítulo. No texto, o enunciador opera com figuras que destacam o tema do homicídio, ou seja, a morte do cacique Nísio Gomes. No entanto, diferentemente das outras matérias analisadas, o texto recorre à versão do Ministério Público Federal (MPF) sobre o caso.

Na sequência, apresentamos a matéria, publicada no G1 MS no dia 25 de novembro de 2012:

Indicações de data e horário de publicação

26/11/2012 16h26 - Atualizado em 26/11/2012 17h03

MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS

título

Cacique Nísio Gomes foi morto durante tentativa de expulsão de índios. Réus respondem por homicídio e ocultação de cadáver, entre outros crimes.

subtítulo

Do G1 MS

Comente agora | Tweetar 19 | Recomendar 19

fotografia 1

legenda e crédito

Em imagem de novembro de 2011, índios mostram o onde cacique foi atingido (Foto: Tatiane Queiroz)

O Ministério Público Federal em Mato Grosso do Sul (MPF-MS) denunciou 19 pessoas pela morte do cacique guarani-kaiowá Nísio Gomes, de 55 anos. A denúncia foi feita em agosto e divulgada pelo órgão nesta segunda-feira (26). Até o mês de novembro, o processo correu em segredo de justiça.

enunciado verbal 1

Segundo o MPF-MS, os réus respondem por homicídio qualificado e por outros crimes relacionados à tentativa de expulsão dos indígenas do acampamento Guaiviry, localizado em Aral Moreira, distante 402 km de Campo Grande, região sul do estado.

enunciado verbal 2

Entre os réus estão fazendeiros, advogados e um secretário municipal, além de um proprietário e funcionários de uma empresa de segurança privada. Segundo o MPF-MS, sete deles continuam presos.

enunciado verbal 3

Dos 19 acusados, três respondem por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo e corrupção de testemunha; quatro por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo; e 12, por homicídio qualificado, lesão corporal, formação de quadrilha ou bando armado e porte ilegal de arma de fogo.

enunciado verbal 4

hipertextos

saiba mais

Polícia Federal em MS procura corpo de cacique morto em conflito

Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal

Após ataque, líder de acampamento indígena está desaparecido, diz Funai

A morte do cacique Nísio Gomes ocorreu durante um ataque ao acampamento Guaiviry, no dia 18 de novembro de 2011. Além dele, o indígena Jhonaton Velasques Gomes foi ferido. Os acusados utilizaram ao menos seis armas de fogo calibre 12 na ação.

enunciado verbal 5

A denúncia do MPF, descreve que o crime repercutiu internacionalmente e colocou em foco o "ambiente onde imperam o preconceito, a discriminação, a violência e o constante desrespeito aos direitos fundamentais" dos cerca de 44 mil índios guarani-kaiowá e guarani-ñandeva que vivem em Mato Grosso do Sul.

enunciado verbal 6

fotografia 2

legenda e crédito

Imagem de novembro de 2011 mostra viatura da Força Nacional no acampamento indígena Guaiviry, em Aral Moreira, região sul do estado (Foto: Tatiane Queiroz/G1 MS)

Corpo não encontrado

O corpo do cacique Nísio Gomes até hoje não foi localizado, mesmo com a realização de buscas pela região e até em território paraguaio. Mesmo sem encontrar os restos mortais, o MPF diz que há provas e indícios suficientes do homicídio qualificado.

enunciado verbal 7

Além das declarações dos acusados e depoimentos de testemunhas, um laudo pericial apontou a existência de vestígios de sangue em fragmentos de madeira e na terra do interior da trilha do Tekoha Guaiviry. Um exame de DNA confirmou ser que o sangue era do "perfil genético de indivíduo do sexo masculino, geneticamente relacionado à mãe e aos filhos de Nísio Gomes".

enunciado verbal 8

Para ler mais notícias do G1 MS, clique em g1.com.br/ms. Siga também o G1 MS no Twitter e por RSS.

enunciado verbal 9

Figura 13: Matéria publicada no dia 26 de novembro de 2012
Fonte: G1 MS

Abaixo, apontamos o tema e as figuras que recobrem o percurso temático do discurso:

Temas	Figuras
Homicídio	*"O Ministério Público Federal de Mato Grosso do Sul (MPF-MS) denunciou 19 pessoas pela* ***morte do cacique guarani-kaiowá Nísio Gomes****"* *"Segundo o MPF-MS, os respondem por* ***homicídio qualificado*** *(...)"* *"A* ***morte do cacique Nísio Gomes*** *ocorreu durante um ataque ao acampamento Guaiviry, no dia 18 de novembro de 2011"*

4.5 Formações ideológicas na cobertura do Caso Guaiviry

Como mostramos, a semiótica determina o que o texto diz e como diz. No entanto, é notório que somente o exame interno do texto não é suficiente para determinar os efeitos de sentido e os valores que o discurso veicula. Para Barros, (2000, p. 83), a análise interna do texto "mostra que as escolhas feitas e os efeitos de sentido obtidos não são obra do acaso, mas decorrem da direção imprimida no texto pela enunciação. Partindo da convicção de que todo discurso é ideológico e possui caráter manipulador, podemos afastar qualquer possibilidade de neutralidade ou de imparcialidade nos textos da cobertura jornalística do Caso Guaiviry. Por isso,

finalizamos a análise do *corpus* com alguns apontamentos sobre a condição ideológica do discurso presente nas matérias.

Segundo Barros, (2002, p.56), o discurso "é uma prática social determinada por uma formação ideológica e, ao mesmo tempo, é lugar de elaboração e de difusão da ideologia". Ressaltamos que, para o presente trabalho, entendemos o conceito de ideologia como "visão de mundo". Não ignoramos, porém, outras concepções em relação ao termo.

Seguindo os passos de Barros (2002), apresentamos, a seguir, algumas reflexões sobre ideologia e sobre formações ideológicas. De acordo com Marilena Chauí:

> A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e preservam aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação ou o Estado (1981, p. 113-4).

Para Fiorin (1998, p. 30), ideologia pode ser entendida como "visão de mundo" na perspectiva de uma ou de outra classe social, especialmente da classe dominante. Assim, as formações ideológicas são "conjuntos de representações, de ideias, que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo".

O pesquisador Jorge Ijuim explica que as relações entre "dominador" e "dominado" têm raízes históricas e sociais:

> A história da civilização nos mostra quão antiga é a questão das relações de poder e a consequente implementação de processos de

> categorização social, seja pela vigência de um sistema político, seja por imposição do conquistador sobre o conquistado ou por complexos artifícios de interculturalidade. (2013, p.49)

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, segundo Brand (1997), os conflitos entre fazendeiros e indígenas das etnias Guarani e Kaiowá, na região que hoje corresponde ao estado de Mato Grosso do Sul, começaram no fim do século XIX, quando o Governo permitiu a implantação da Companhia Matte Laranjeiras no país e concedeu títulos de propriedades a colonos para promover o desenvolvimento em terras, antes ocupadas por indígenas.

Quase cem anos depois, no fim do século XX, o Governo Federal, por meio da Constituição Federal de 1988, assegurou o direito dos indígenas de reaver as suas reservas tradicionais. No entanto, os conflitos gerados por essa disputa pela terra, ainda permanecem.

De acordo com Ijuim, no Brasil, a questão indígena ainda tem sido tratada por alguns veículos de comunicação como um “problema”, uma “inconveniência” ou até um “transtorno. Notadamente, esse “olhar” da mídia, que desprivilegia o indígena, se deve ao poder econômico do agronegócio no estado.

> Em decorrência das pressões de ruralistas e outros grupos econômicos, grande número de reportagens contestam, de várias maneiras, o processo de demarcação destas reservas, numa espécie de campanha anti-indígena (2013, p. 53)

A campanha anti-indígena vai além da questão da disputa pela terra. Os órgãos de comunicação também reforçam estigmas associados ao indígena. Na cobertura jornalística do Caso Guaiviry, os ciberjornais reforçam, desde as primeiras matérias publicadas, tanto por meio da linguagem verbal, quanto da linguagem visual, o discurso de violência, opressão e miséria ligado aos índios.

A exploração excessiva do sofrimento dos Guarani e Kaiowá, de certa forma, também revelam conotações negativas dos indígenas. Muito da imagem que o mundo atual possui dos indígenas é fornecida pela imprensa. Ijuim (2013, p. 54)

destaca que “ao reforçar estereótipos, estes órgãos de comunicação instigam a intolerância, colaboram para a naturalização do discurso preconceituoso contra o indígena”.

Nota-se ainda que, na maioria dos textos apreciados, o índio “não tem voz”. Nas ancoragens actanciais presentes na cobertura jornalística do caso, em praticamente todas as matérias, os indígenas “falam” por meio de órgãos representativos como o Cimi ou a Funai. Isso denota que, apesar dos grandes avanços tecnológicos, o sujeito indígena ainda “precisa” de outros para falar por ele.

A reflexão que devemos fazer é: Por que isso acontece? Entre os princípios do Jornalismo, sistematizados pelos teóricos Kovach e Rosenstiel, citamos o dever do profissional com sua própria consciência:

> Todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral. Mais ainda, o profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa (2004, p. 274).

As análises da cobertura jornalística do Caso Guaiviry apontam, claramente, que o Jornalismo não rompe com as ideias equivocadas e com a ideologia concebida na perspectiva das classes dominantes economicamente ou politicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* desta pesquisa, sob a perspectiva da teoria semiótica greimasiana, levou-nos a recuperar as marcas deixadas pela enunciação e, com isso, a identificar os efeitos de sentido gerados pela cobertura jornalística do Caso Guaiviry, assim como as ideologias presentes nos discursos das matérias.

Para a investigação, selecionamos um recorte de nove matérias, sendo três do ciberjornal Campo Grande News, três do G1 MS e outras três do portal Folha de São Paulo, publicadas entre novembro de 2011 e novembro de 2012. Com enfoque no ciberdiscurso, recorremos aos pressupostos do nível discursivo do percurso gerativo de sentido para a apreciação dos textos.

Com base na análise das três primeiras matérias sobre o caso, publicadas no dia 18 de novembro de 2011, dia em que ocorreu o fato, revelamos a predominância da terceira pessoa, ou seja, do tempo do “então” e do espaço do “lá”, que contribuem para a produção do efeito de sentido de distanciamento. Ainda na apreciação dos primeiros textos, apreendemos as temáticas de violência, guerra, criminalidade e medo. O que é importante destacar ao observar a análise das primeiras matérias é que, apesar da utilização das mesmas debreagens actanciais, espaciais e temporais, os enunciados produzem efeitos de sentido distintos, o que indica que a manipulação é traçada de acordo com as escolhas feitas pelos enunciadores.

Na análise da cobertura fotojornalística do caso, recorremos ao olhar da semiótica plástica, tida como desdobramento da semiótica greimasiana, e apresentamos as oposições semânticas projetadas pelas relações semissimbólicas, ou seja, pelas correlações entre os planos de conteúdo e de expressão das imagens publicadas no Campo Grande News. Destacamos a relevância dos elementos fotográficos para a produção de efeitos de sentido, como os planos, as linhas e as cores. Nos sistemas semióticos visuais investigados apreendemos, entre outros, os sentidos de “bem e mal”, revelados pela oposição de cores frias e quentes, e de luz e sombra, que fortalecem a ideia do indivíduo indígena ora bom, ora maléfico. A

investigação também apontou a construção de simulacros negativos dos indígenas, estigmatizados pela exploração excessiva do sofrimento e de outros fatores.

No âmbito da sintaxe discursiva, depreendemos das matérias do Caso Guaiviry, as diversas debreagens actanciais, temporais e espaciais, responsáveis pela produção de efeitos de sentido de realidade, objetividade e imparcialidade, que contribuem para o “fazer” persuasivo do enunciador.

No âmbito da semântica discursiva, observamos os enunciadores operando com discursos contraditórios. Em um primeiro momento, depreendemos de parte dos textos, o fortalecimento das temáticas do desaparecimento e da não-morte do cacique Nísio Gomes. No entanto, em um segundo momento, sobressai o tema do homicídio na cobertura jornalística, figurativizado pela morte do líder indígena. Nos dois casos, os discursos são sustentados pelo mesmo sujeito da enunciação: a Polícia Federal.

Identificamos as formações ideológicas que reforçam discursos estigmatizados e preconceituosos. As análises revelam que, em suas essências, os veículos de comunicação se rendem ao poder econômico e acabam por desprivilegiar a parte da sociedade que não faz parte da classe dominante, como é o caso dos indígenas em Mato Grosso do Sul.

Diante desses resultados, é possível constatar que o discurso construído pela cobertura do Caso Guaiviry, assim como todo discurso e toda comunicação, é uma forma de manipulação porque constrói a sua própria verdade. No entanto, como destacam Kovach e Rosenstiel, “somente uma imprensa livre dos censores governamentais pode contar a verdade” (2004, p. 53).

Para finalizar, sabemos que um trabalho de pesquisa nunca está concluído. Por isso, destacamos que o conjunto de análises feitas não esgota a complexidade do objeto empírico. Acreditamos em novas possibilidades, em novos olhares no que diz respeito à cobertura jornalística do Caso Guaiviry.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto.* São Paulo, SP: Ática, 2000.

____*Teoria do discurso: Fundamentos semióticos.* São Paulo, SP: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

____ Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação. In: FANTI, Maria da Glória di; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Enunciação e Discurso: tramas de sentidos.* São Paulo, SP: Contexto, 2012.

BATISTOTE, Maria Luceli Faria. *Semiótica francesa: busca de sentido em narrativas míticas.* Campo Grande, MS: UFMS, 2012.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do Jornalismo*. São Paulo, SP: Edusp, 1992.

BRAND, Antonio Jacó. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. Tese de doutorado, História da PUC/RS, 1997.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Relatório Anual de Gestão 2010.* Secretaria Especial de Saúde Indígena, Mato Grosso do Sul, 2010.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.) *Jornalismo Digital de Terceira Geração.* Covilhã: Livros Labcom, 2007.

COELHO, Luciana Garcia Gabas. *A imagem mítica do Herói Brasileiro Contemporâneo sob a perspectiva da semiótica francesa.* Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: UFMS, 2013.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação.* São Paulo: Edgar Blücher, 1982.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia.* São Paulo, SP: Ática, 1998.

____ A Semiótica Discursiva. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (org.). *Análises do discurso hoje.* Volume 1. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2008.

____ *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

____ *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

HERNANDES, Nilton. *Semiótica dos jornais – análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBNM, Portal UOL, revista Veja.* Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

IJUIM, Jorge Kanehide*. Imprensa e preconceito: O pensamento abissal nos meios de comunicação e a deslegitimação de grupos sociais.* Revista Estudos de Jornalismo, v. 2, p. 48-60, 2013.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo, SP: Editora Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 2ed. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2004.

LARA, Gláucia Muniz Proença. *A imagem como objeto de ensino.* Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 9, p. 1-14, 2011.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo, SP: Ed.34, 2006.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. *Tecnologias emergentes desafiam o jornalismo a encontrar novos formatos de conteúdo.* Comunicação & Sociedade, Volume 30, p. 201-225, 2009.

MAGALHÃES, Manoel Vilela de. Produção e Difusão da Notícia. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

MALDONADO, Caroline Herminio. *O conflito entre os Guarani e Kaiowá e fazendeiros em MS: análise discursiva na mídia online.* Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: UFMS, 2014.

MANOVICH, Lev. *El linguaje de los nuevos medios de comunicación.* Buenos Aires: Paidós, 2005.

MARTINS, Gerson Luiz. Protocolo de qualidade em Ciberjornalismo na Espanha e no Brasil. In: D' ANDRÉA, Carlos; LONGUI, Raquel (org.). *Jornalismo Convergente: reflexões, apropriações, experiências.* Florianópolis, SC: Insular, 2012.

MORAES, Suany Oliveira. *Construção de simulacros na revista Veja: o caso Suzane Von Richthofen*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: UFMS, 2008.

MORONI, Joana. *Caso Verón e Caso Passo Piraju: analogias quanto à cobertura midiática e suas implicações no Tribunal do Júri*. Dissertação de mestrado. Campo Grande, MS: UCDB, 2011.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1987.

SALAVERRÍA, Ramón. *Los diarios frente al reto digital.* Chasqui, 2007. Disponível em http://www.chasqui.comunica.org/content/view/526/1/

SCHWINGEL, Carla. *Ciberjornalismo.* São Paulo: Paulinas, 2012.

SOUSA, Pedro Jorge. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

SQUIRRA, Sebastião. Convergências tecnológicas, mídias aditivas e espiralação de conteúdos jornalísticos. In: D' ANDRÉA, Carlos; LONGUI, Raquel (org.). *Jornalismo Convergente: reflexões, apropriações, experiências.* Florianópolis, SC: Insular, 2012.

TEIXEIRA, Lucia. *Um rinoceronte, uma cidade: relações de produção de sentido entre o verbal e o não verbal.* Gragoatá 4. Niterói, RJ: EdUFF,1 semestre, 1998.

____; FULANETI, Oriana; MANCINI, Renata; SOUZA, Silvia Maria. Linguagens na Cibercultura. In: PORTELA, Jean Cristtus; BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos; SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira (org.). *Semiótica: identidade e diálogos.* São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2012.

WARD, Mike. *Jornalismo Online*. São Paulo: Ed. Roca Ltda., 2007.

ANEXOS

Anexo A – MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai

18/11/2011 18:50

MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai

Fabiano Arruda

Líder guarani teria sido assassinado e foi levado em caminhonete por pistoleiros

O MPF (Ministério Público Federal) divulgou nota nesta sexta-feira em que afirma que investiga o atentado, por volta das 6h30 de hoje, praticado por pistoleiros fortemente armados contra a comunidade Kaiowá Guarani, do acampamento Tekoha Guaiviry, em Amambai, região de fronteira.

CLIQUE PARA AMPLIAR

Líder indígena, Nísio Gomes (ao centro), foi alvo de disparos durante o ataque. (Foto: Divulgação/Cimi)

Informações dão conta que o líder indígena Nísio Gomes, de 59 anos, teria sido executado com tiros na cabeça. O MPF trata o caso como desaparecimento, já que o corpo da vítima foi levado pelos pistoleiros e não há a confirmação oficial da morte, contudo, depoimentos de indígenas e informação do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) confirmem o óbito.

Integrantes da Polícia Federal, MPF e Funai (Fundação Nacional do Índio) estiveram no local nesta tarde e os trabalhos da perícia confirmaram, segundo o ministério público, presença de sangue humano no local em que o cacique levou os tiros. Também ficou comprovado que o corpo foi arrastado.

Há também a informação de que outras duas pessoas foram mortas. Relatos de indígenas também dão conta de que uma mulher a uma criança estão desaparecidos, mas não há a confirmação, pois, das 60 pessoas que residem no acampamento, apenas dez foram ouvidos. O restante da comunidade se dispersou no meio da mata.

Ainda segundo informações do MPF, um dos filhos de Nísio está no Instituto Médico Legal de Ponta Porã realizando exames de corpo de delito. Ele teria levado tiros de balas de borracha, do mesmo tipo encontrado em ataque recente ocorrido contra um acampamento indígena em Iguatemi, em 23 de agosto.

O MPF informa ainda que não deve divulgar mais informações para não comprometer o andamento das investigações.

Anexo B – Após ataque, medo de mistura à persistência de índios em ficar na terra

Interior

24/11/2011 11:27

Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra

Paula Maciulevicius, da Redação, e Nadyenka Castro, de Aral Moreira

"Atiraram na cabeça e no coração do meu pai. Eu não vi, mas o Sol viu tudo", diz Genito, filho do líder que ainda está desaparecido

Imprimir Gosto 46 Tweetar 21 +1 Share 2

CLIQUE PARA AMPLIAR

O rosto pintado contrasta com o verde das plantações em área ocupada por índios guarani-kaiowá. (Fotos: João Garrigó)

rotina no acampamento Guaiviry é marcada pelo medo, ainda que seis dias tenham se passado desde o relato do atentado, em que o líder Nísio Gomes desapareceu. Entre eles, todo o cuidado é pouco até mesmo para receber a imprensa. Para chegar até onde estão acampados é preciso primeiro passar por três bloqueios feitos por eles.

De cara pintada e rostos preparados para a luta, eles seguem em rituais mostrando que ali a terra é deles e que se depender da força e da crença ninguém mais invade.

Homens e mulheres, dos mais novos aos mais guerreiros, todos têm lanças nas mãos. Da mata para dentro, os sussurros podem ser ouvidos de índios que ainda falam do do medo ao lembrar da invasão da última sexta-feira.

"Nós tá com medo do fazendeiro. Medo de atirar em nós de novo (sic)", diz Genito Gomes, filho do líder desaparecido Nísio Gomes.

O **Campo Grande News** percorreu novamente os 364 quilômetros que separam a Capital da região Sul do Estado. Entre a divisa de Aral Moreira e Amambai, entrar numa região que segundo relatos foi palco do atentado contrasta com a vasta produção de soja. As cores na cara de quem luta pela terra se confundem em meios à lavoura verde, de milhares de hectares de soja.

CLIQUE PARA AMPLIAR A

Em meio a plantação de soja, índios guarani-kaiowá dizem que vão ficar no lugar.

sensação de estar ali é viver em uma área de conflito. É precisar estar atento a todo momento. O temor faz com que os guarani-kaiowá vivam na retaguarda, até um pouco agressivos. A entrada da equipe só foi possível com o intermédio de uma liderança indígena. Ainda assim o receio era maior e os índios poucos se soltavam.

De cara, ao percorrer mata adentro as barracas são de lona, aparadas em varas de madeira. Muitas famílias ocupam a região, se calcula que já são em 280 o número de guarani-kaiowá, 220 a mais do que no dia do ataque relatado por eles. Nas barracas se vê alimento e cozinhas. As mulheres cuidando dos filhos, uma rotina entre famílias que não muda, apenas ganha cuidados a mais.

O **Campo Grande News** é recebido com um ritual, a impressão que passa é de que mesmo a tensão não deixa de lado os costumes de dar as boas-vindas. Oito índios, quatro homens e quatro mulheres, cantam e dançam. Ali está Genito, que agora parece ter assumido a posição do pai. A vestimenta dele, uma espécie de colete colorido e rico em detalhes, mostra o poder de liderança.

Em alguns momentos Genito usa um instrumento chamado "mimby", de comunicação com almas e outros seres que segundo a crença guarani-kaiowá, indicam a chegada de alguém.

O ritual é concentrado no local onde Nísio teria sido baleado e posto em uma das caminhonetes que ao acampamento chegaram naquela sexta-feira.

"Desse local até a barraca do Nísio tinha sangue", conta o antropólogo e membro da Assembleia Geral do Povo Guarani-Kaiowá Tonico Benites.

Um dos símbolos de liderança, passado de pai para filho entre os rezadeiros foi o que ficou de Nísio, além da luta herdada. É O "xiru marangatu", uma espécie de varinha usada pelos rezadores, líderes espirituais da comunidade. O instrumento atravessa gerações depois da morte e um líder. Para trás, um par de botinas também ficou.

O medo da ação de pistoleiros se repetir não tira a vontade de permanecer. O que eles passam é bem mais que a agressividade justificada em função do possível ataque, é a determinação de guerrear pelo que acreditam. No início da terra, um cartaz fala por si só e diz tudo. "Matar pode, matar o corpo acaba. Mas a terra nunca vai acaba".

"Não vamos mais sair daqui", enfatiza Genito. Nós não temos a arma forte, nem metralhadora. Nós temos arma invisível" - balança o chocalho "nós estamos rezando para que não aconteça mais isso".

CLIQUE PARA AMPLIAR

O medo continua, afirma a comunidade, que está sob proteção da Força Nacional de Segurança. (Foto: João Garrigó)

Genito relata que não estava no acampamento no dia do ataque. Veio da aldeia Amambai após o atentado. Segundo ele, o sobrinho que viu tudo contou que os homens chegaram encapuzados, de preto, com camisa escrito segurança e as caminhonetes com placas cobertas.

CLIQUE PARA AMPLIAR

Genito, à esquerda, mudou da aldeia onde morava para assumir herança de Nisio.

"Atiraram na cabeça e no coração do meu pai. Veio pessoas armadas, metralharam meu pai e jogou na caminhonete".

Na porteira, na entrada do acampamento, uma bandeira com dois rostos de índios em papelão simbolizando proteção.

"Eu não vi, mas o Sol viu tudo", diz Genito, apontando para o adorno pregado em meio às grandes madeiras da entrada.

Os jovens ficam a retaguarda, desconfiando sempre de qualquer passo que não seja conhecido. A noite os guarani-kaiowá relatam que o medo é maior. Muitos seguiram até o final da conversa do **Campo Grande News** no acampamento, escondidos no meio da mata. Mesmo sem muitas palavras, o silêncio e o clima gritam dizendo que eles não vão sair dali.

O acampamento, que ontem recebeu uma comitiva da Secretaria dos Direitos Humanos, ligada à Presidência da República, está sob proteção da Força Nacional de Segurança, que vai ficar na região por prazo indeterminado.

Anexo C – Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai

Interior

18/01/2012 18:50

Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai

Marta Ferreira

Inquérito sobre episódio em acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, já está concluído e aguarda posicionamento do MPF a respeito

Imprimir Gosto 3 Tweetar 3 +1 Share 5

Faz dois meses hoje que o acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, virou notícia no mundo todo, após um ataque aos índios guarani-caiuá acampados no local à espera da demarcação da fazenda como terra indígena. Desde então, prevalece como mistério o paradeiro do líder da comunidade Nísio Gomes, 59 anos.

CLIQUE PARA AMPLIAR

Indígena no acampamento Guaiviry, em Aral Moreira: dois meses após ataque, líder indígena continua desaparecido. (Foto: João Garrigó)

A Polícia Federal acredita que Nisio pode estar vivo e, segundo apurou o **Campo Grande News**, a suspeita é que ele esteja no Paraguai. Para os índios, Nísio foi assassinado por pistoleiros contratados por fazendeiros, que invadiram a área no dia 18 de novembro.

Para a PF, um indício forte de que Nisio esteja vivo é o saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu.

Não existe mais uma operação de busca pelo corpo, uma vez que a PF entendeu que não havia evidências de uma execução, como foi afirmado inicialmente. A Corporação considerou um indicio de que Nisio esteja vivo um saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu.

As imagens da pessoa que fez o saque não foram conclusivas para a identificação.

Como o clima na região ficou tenso, mobilizando até a vinda de representantes do Governo Federal, foi mantida a presença da Força Nacional de Segurança na região, rondas próximas do acampamento para evitar conflitos.

Hoje, a Aty Gassu, assembleia que reúne lideranças indígenas da região, divulgou nota em que cobra atitude do Governo sobre o caso, dois meses após, para que não caia, segundo a nota, na impunidade. "Se o Estado brasileiro não agir, tememos que o Guaiviry e outras comunidades guarani e kaiowá sofram mais violências", afirma o texto. "A situação de impunidade está gerando uma realidade revoltante: os pistoleiros não estão tendo mais vergonha de chegar a um acampamento em plena luz do dia para ameaçar as comunidades e matar lideranças", segue a nota.

Encaminhamento-De concreto, até agora, a investigação sobre o episódio de novembro em Guaiviry tem um inquérito concluído, já encaminhado ao MPF (Ministério Público Federal) em Ponta Porã. O documento indica mocinhos e bandidos dos dois lados.

A PF indiciou 10 pessoas, entre fazendeiros, seguranças e donos de empresas de vigilância, pelo ataque ao acampamento, com balas de borracha. Do lado dos indígenas, também houve um indiciamento, do filho de Nisio que testemunhou o ataque, por falso testemunho.

O MPF não comenta o resultado do inquérito, que agora aguarda a decisão do órgão sobre o que vai ser feito do caso. O procurador responsável pode fazer a denúncia à Justiça da forma como a Polícia mandou, ou ainda pedir novas diligências.

Anexo D – Polícia investiga ataque contra índios em acampamento no sul de MS

18/11/2011 13h59 - Atualizado em 18/11/2011 16h21

Polícia investiga ataque contra índios em acampamento no sul de MS

Líder indígena teria sido assassinado, diz entidade.
Funai acionou PF e Ministério Público para apurar os fatos.

Do G1 MS

Comente agora Tweetar 48 Recomendar 21

Local do acampamento

Localização do acampamento indígena alvo de suposto ataque (Foto: Arte/G1)

Um líder indígena teria sido assassinado e outros índios teriam ficado feridos em um acampamento da etnia guarany-kaiwá na região sul de Mato Grosso do Sul, na manhã desta sexta-feira (18). Informações preliminares dão conta de que pistoleiros teriam invadido a área e feito vários disparos contra os indígenas.

De acordo com o coordenador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sílvio Raimundo da Silva, o órgão foi informado dos fatos e acionou o Ministério Público Federal e a Polícia Federal para apurar os supostos crimes que teriam ocorrido no acampamento Guaviry. Técnicos da Funai também se deslocaram até o local, que fica na faixa de fronteira com o Paraguai.

A área onde o assassinato teria ocorrido está em estudos para identificação de terras indígenas, e faz parte de fazendas situadas entre os municípios de Aral Moreira e Amambaí. No acampamento, vivem cerca de 100 índios da etnia kaiwá. Por meio da assessoria de imprensa, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) informou que também tenta obter informações sobre outras possíveis vítimas.

saiba mais

Após 8 h de protesto por falta de água, índios liberam rodovia de MS

Faltam medicamentos em reservas da região sul de MS, dizem indígenas

Anexo E – Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal

21/12/2011 22h39 - Atualizado em 21/12/2011 22h40

Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal

Superintendente afirma que investigações continuam para encontrar a vítima. Coordenador do Cimi diz ter ficado surpreso com relatório da Polícia Federal.

Do G1 MS

2 comentários | Tweetar 151 | Recomendar 20

Indígenas mostram local onde cacique teria sido atingido (Foto: Tatiane Queiroz/G1 MS)

A Polícia Federal (PF) apresentou nesta quarta-feira (21) relatório da investigação sobre o ataque a um acampamento indígena da etnia guarany-kaiwá em Mato Grosso do Sul ocorrido em 18 de novembro. De acordo com a PF, laudos da perícia e investigação apontam que o cacique Nisio Gomes, desaparecido desde o ataque, pode estar vivo.

O G1 entrou em contato com o coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em Mato Grosso do Sul, Flávio Machado. Ele diz estar surpreso com o relatório apresentado pela Polícia Federal sobre o caso. Machado afirma que confia no depoimento dos indígenas e na hipótese da morte do cacique.

O coordenador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) Sílvio Raimundo da Silva disse que viajará a Ponta Porã na manhã de quinta-feira (22) para acompanhar de perto a investigação. Ele disse que vai se posicionar sobre o relatório apresentado pela PF somente amanhã.

Em entrevista ao G1, o superintendente em exercício da Polícia Federal Rodrigo Andrade Oliveira explicou alguns fatores que contribuíram para a suspeita da polícia. Segundo ele, foi realizado no dia 14 de dezembro, em Brasília, o saque de um benefício social que o cacique recebe. "Esse saque só poderia ser feito por ele ou por alguém que tivesse a senha".

saiba mais

- Polícia vai indiciar suspeitos de ataque a acampamento indígena em MS
- Entenda o conflito entre indígenas e produtores rurais no sul de MS
- Após ataque, líder de acampamento indígena está desaparecido, diz Funai
- 'Estamos com medo que eles voltem', diz filho de cacique atacado em MS

A Polícia Federal teve acesso ao vídeo da câmera de segurança do estabelecimento comercial onde o dinheiro foi retirado. Segundo Oliveira, as imagens não estavam nítidas e a pessoa que fez o saque não foi identificada. A transação é investigada pela PF.

Ainda de acordo com o Oliveira, outros fatores que contribuíram para a suspeita da PF foram o sangue encontrado nas cápsulas das balas de borracha, que segundo a perícia pertencem a Gomes, além de contradições no depoimento do filho do cacique, que era a principal testemunha do ataque.

Por enquanto, de acordo com o superintendente em exercício, o foco das investigações continua sendo o paradeiro do indígena.

Anexo F – MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS

26/11/2012 16h26 - Atualizado em 26/11/2012 17h03

MPF denuncia 19 pessoas por morte de cacique em acampamento em MS

Cacique Nísio Gomes foi morto durante tentativa de expulsão de índios. Réus respondem por homicídio e ocultação de cadáver, entre outros crimes.

Do G1 MS

Comente agora Tweetar 19 Recomendar 19

Em imagem de novembro de 2011, índios mostram o onde cacique foi atingido (Foto: Tatiane Queiroz)

O Ministério Público Federal em Mato Grosso do Sul (MPF-MS) denunciou 19 pessoas pela morte do cacique guarani-kaiowá Nísio Gomes, de 55 anos. A denúncia foi feita em agosto e divulgada pelo órgão nesta segunda-feira (26). Até o mês de novembro, o processo correu em segredo de justiça.

Segundo o MPF-MS, os réus respondem por homicídio qualificado e por outros crimes relacionados à tentativa de expulsão dos indígenas do acampamento Guaiviry, localizado em Aral Moreira, distante 402 km de Campo Grande, região sul do estado.

Entre os réus estão fazendeiros, advogados e um secretário municipal, além de um proprietário e funcionários de uma empresa de segurança privada. Segundo o MPF-MS, sete deles continuam presos.

Dos 19 acusados, três respondem por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo e corrupção de testemunha; quatro por homicídio qualificado, lesão corporal, ocultação de cadáver, porte ilegal de arma de fogo; e 12, por homicídio qualificado, lesão corporal, formação de quadrilha ou bando armado e porte ilegal de arma de fogo.

saiba mais

Polícia Federal em MS procura corpo de cacique morto em conflito

Relatório não confirma morte de cacique em ataque, diz Polícia Federal

Após ataque, líder de acampamento indígena está desaparecido, diz Funai

A morte do cacique Nísio Gomes ocorreu durante um ataque ao acampamento Guaiviry, no dia 18 de novembro de 2011. Além dele, o indígena Jhonaton Velasques Gomes foi ferido. Os acusados utilizaram ao menos seis armas de fogo calibre 12 na ação.

A denúncia do MPF, descreve que o crime repercutiu internacionalmente e colocou em foco o "ambiente onde imperam o preconceito, a discriminação, a violência e o constante desrespeito aos direitos fundamentais" dos cerca de 44 mil índios guarani-kaiowá e guarani-ñandeva que vivem em Mato Grosso do Sul.

Imagem de novembro de 2011 mostra viatura da Força Nacional no acampamento indígena Guaiviry, em Aral Moreira, região sul do estado (Foto: Tatiane Queiroz/G1 MS)

Corpo não encontrado

O corpo do cacique Nísio Gomes até hoje não foi localizado, mesmo com a realização de buscas pela região e até em território paraguaio. Mesmo sem encontrar os restos mortais, o MPF diz que há provas e indícios suficientes do homicídio qualificado.

Além das declarações dos acusados e depoimentos de testemunhas, um laudo pericial apontou a existência de vestígios de sangue em fragmentos de madeira e na terra do interior da trilha do Tekoha Guaiviry. Um exame de DNA confirmou ser que o sangue era do "perfil genético de indivíduo do sexo masculino, geneticamente relacionado à mãe e aos filhos de Nísio Gomes".

Para ler mais notícias do G1 MS, clique em **g1.com.br/ms**. Siga também o G1 MS no **Twitter** e por **RSS**.

Anexo G – Líder indígena é assassinado por pistoleiros encapuzados em MS

poder

Maior | Menor Enviar por e-mail Comunicar erros Link http://folha.com/no1

18/11/2011 - 16h13

Líder indígena é assassinado por pistoleiros encapuzados em MS

CLAUDIO ANGELO
DE BRASÍLIA

PUBLICIDADE

Recomendar 306 +1 4

Atualizado às **19h20**.

O líder guarani-caiová Nísio Gomes foi assassinado na manhã desta sexta-feira (18) por homens encapuzados, entre as cidades de Amambai e Ponta Porã, Mato Grosso do Sul.

Segundo informações preliminares da Funai (Fundação Nacional do Índio), o ataque aconteceu enquanto um grupo de cerca de 60 índios acampava dentro de uma fazenda à beira da rodovia MS-386. Os homens abriram fogo contra o acampamento, atingindo alguns índios com balas de borracha.

A coordenação regional da Funai em Ponta Porã afirmou, com base nos depoimentos dos acampados, que Gomes, 59, levou um tiro na cabeça.

O conselho guarani Aty Guassu afirmou que duas outras pessoas, uma mulher e uma criança de cinco anos, também foram mortas e tiveram seus corpos levados juntamente com o de Gomes. A Funai não confirma a informação, e está considerando ambas como "desaparecidas" por enquanto.

O grupo de caiovás está acampado desde o dia 1º numa área conhecida como Ochokue/Guaiviry, uma das aldeias que os guaranis reconhecem como território tradicional e tentam retomar -- e que hoje estão ocupadas por fazendas.

Guaiviry é uma das áreas incluídas pela Funai nos processos de identificação de terras tradicionais guaranis, iniciados em 2008. A região do sul de Mato Grosso do Sul é o palco mais grave de conflitos entre indígenas e fazendeiros do Brasil.

A Funai informou que a Polícia Federal e a Polícia Civil já estão no local. O presidente da Funai, Márcio Meira, por enquanto não tem planos de ir ao local do assassinato.

Survival International/France Presse

O líder guarani-caiová Nísio Gomes, assassinado hoje

Anexo H – PF diz que índios foram atacados com balas de borracha

poder

Maior | Menor Enviar por e-mail Comunicar erros Link http://folha.com/no101033

22/11/2011 - 17h32

PF diz que índios foram atacados em MS com balas de borracha

JEAN-PHILIP STRUCK
DE SÃO PAULO

PUBLICIDADE

Recomendar 21 +1 0

A Polícia Federal afirmou que o ataque a um acampamento de índios guarani-caiovás em Mato Grosso do Sul foi realizado com balas de borracha (não letais). Na ação, registrada na sexta-feira (18), o líder indígena Nísio Gomes, 59, foi ferido e levado por homens encapuzados.

A PF afirma que está tratando o caso como um desaparecimento, e não como homicídio, já que não foi determinado se Gomes foi morto pelos homens que atacaram o acampamento, localizado em uma fazenda entre os municípios de Amambai e Ponta Porã.

PF faz buscas por corpo de índio alvo de atentado em MS
Índios ampliam acampamento em área atacada em MS
Líder indígena é assassinado por pistoleiros encapuzados em MS

Ainda segundo a PF, as investigações permitiram reconstituir como aconteceu o ataque. Segundo o órgão, o acampamento foi atacado por sete homens armados, e não 40 como alguns índios chegaram a afirmar inicialmente.

Os homens, que ainda não foram identificados, chegaram em três caminhonetes e dispararam em Nísio Gomes e mais dois índios que estavam com ele.

Segundo a PF, apesar de no momento o local contar com cerca de 60 índios acampados, as barracas eram distantes umas das outras.

Perto do local onde o líder foi atacado, agentes da PF encontraram cápsulas de balas de borracha. Os outros dois índios ficaram feridos no ataque e permanecem no acampamento, segundo a PF.

Ainda segundo o órgão, as investigações apontam que apenas Gomes está desaparecido. Segundo o Cimi (Conselho Indigenista Missionário), havia a suspeita de que até quatro índios tinham desaparecido após o ataque.

No domingo (20), o acampamento dos guarani-caiovás recebeu um reforço de 70 índios da região. Agora, segundo o Cimi, cerca de 120 índios estão acampados no local.

Anexo I – PF considera homicídio desaparecimento de índio em MS

04/07/2012 - 12h47

PF considera homicídio desaparecimento de índio em MS

SÍLVIA COSTA
COLABORAÇÃO PARA A **FOLHA**, DE CAMPO GRANDE

PUBLICIDADE

Recomendar 13 +1 1 Ouvir o texto

Polícia Federal em Mato Grosso do Sul está tratando como homicídio, pela primeira vez, o desaparecimento do índio Nísio Gomes, 59, ocorrido em novembro de 2011, durante ação de retirada de índios guarani-caiovás de um acampamento na fazenda Nova Aurora, na divisa entre Aral Moreira e Ponta Porã.

Até agora, o episódio envolvendo Nísio Gomes, líder do acampamento Guayviry, era tratado como desaparecimento de pessoa.

Nesta quarta-feira (4), a PF cumpre oito mandados de prisão relacionados ao caso em Ponta Porã.

Seis dos suspeitos que tiveram a prisão decretada são produtores rurais, um é advogado e outro é servidor público.

Todos tiveram participação no planejamento da ação ou no fornecimento de armas para a ação de retirada dos índios, segundo a polícia.

A PF informou que novas provas encontradas indicam que Gomes foi morto por pessoas vinculadas a uma empresa de segurança privada de Dourados (MS), contratada para retirar os índios do acampamento.

O corpo do índio ainda não foi encontrado, mas as buscas continuam, segundo a polícia.

ATAQUE

Segundo relato dos índios, na madrugada de 18 de novembro 2011, homens encapuzados invadiram o acampamento Guayviry para expulsar os guarani-caiovás da fazenda. A área é disputada por produtores e índios.

Tiros de borracha foram disparados na ação. Os índios disseram que Gomes levou três tiros no peito.

No dia 21 de dezembro de 2011, a PF havia indiciado dez pessoas por participação no confronto no acampamento.

Naquele dia, quatro fazendeiros, um advogado, dois administradores de uma empresa de segurança e três homens contratados para a retirada dos índios foram indiciados sob suspeita de formação de quadrilha e coautoria de lesão corporal. Ninguém foi preso.

No dia 15 de junho de 2012, outros dez suspeitos de participar do ataque foram presos. Alguns deles já haviam sido indiciados pelo confronto. Segundo a PF, ninguém confessou participação na morte de Nísio Gomes